

OS MÔS

OUTUBRO-1906

+ ANNO III +

NUMERO 10

SUMMARIO

- Chronica..... Olavo Bilac.
Milagre de Maio..... Virgilio Varzea.
Secretaria das Relações Exteriores (gravuras)
Palacio Monrôe (gravura)
Tradições..... Mario Pederneiras.
Paginas volvidas..... Gonzaga Duque.
O Novo Edificio do *Jornal do Commercio* (gravura)
As Estações..... Coelho Netto.
Santa Barbara (gravura)
A fantasia da simplicidade.. Thomaz Lopes.
O Hospital para Tuberculosos.
A Excursão do Presidente Eleito.
Um crime empolgante..... Ferreira da Rosa.
Os que vêm..... Fantasio.

Rs. 2\$000

FILTROS MALLIÉ

Estérilisação absoluta pela Porcelana de Amianto

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

« A agua filtrada é de uma *limpez perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahi viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.»

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil:—A. ABREU & COMP.

Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—A NOVA AMERICA E CHINA

Rua do Ouvidor N. 39.

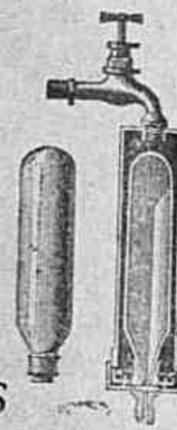
Depositarios em S. Paulo:—MONTEIRO SOARES & COMP.

Rua Direita—Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

LOTERIA ESPERANÇA

ESTADO DO RIO

Extracções diarias em Nictheroy ás 2 horas da tarde

COM MAGNIFICOS PLANOS DE

12.000\$000

† 25.000\$000

15.000\$000

† 50.000\$000

20.000\$000

† 100.000\$000

OS PEDIDOS DEVEM SER FEITOS PELO NUMERO DAS EXTRACÇÕES

A Loteria Esperança é a unica que se extrahе pelo systema de urnas e esferas.

N. B.—De accordo com o art. 5.º da lei n.º 496 de 28 de Novembro de 1901, os bilhetes desta loteria estão isemptos de todo e qualquer imposto inclusive o sello do consumo.

O endereço para as remessas deve ser muito explicado afim de n.º haver extravio.

E' preciso citar logar, Estado, Estrada de ferro, etc.

Toda a correspondencia simples, registrada com ou sem valor deve ser dirigida á

COMPANHIA NACIONAL LOTERIAS DOS ESTADOS

RUA MARECHAL DEODORO, 29-A—NICTHEROY

MARC FERREZ

✦ MATERIAL PHOTOGRAPHICO ✦

96, Rua de S. José, 96

● ● RIO DE JANEIRO ● ●

DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ALFANDEGA, 24
RIO DE JANEIRO

ANNO III

OUTUBRO 1906

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES



CRONICA



El bem que attacar as tradições (e principalmente as tradições religiosas) é um acto de ousadia. Essas tradições são para quasi toda a gente tão inviolaveis e sagradas como aquelle prestigioso Zaïmph, manto da deusa Tanit, e palladio de Carthago, no qual ninguem podia tocar sem cahir fulminado...

Pouco importa. Ha tradições grosseiras, irritantes, bestiaes, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a Civilisação.

Uma d'ellas é esta ignobil festa da Penha, que todos os annos, neste mez de outubro, reproduz no Rio de Janeiro as scenas mais tristes das velhas saturnaes romanas, transbordamentos tumultuosos e allucinados dos instinctos da gentalha. Ainda este anno, a festa foi tão brutal, tão desordena-

da, e assignalada por tantas vergonhas e por tantos crimes, — que não parecia um folguedo da idade moderna, no seio de uma cidade civilisada, mas uma d'aquellas orgias da idade antiga ou da idade media, em que triumphavam as mais baixas paixões da plebe e dos escravos.

E devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão barbara como este anno. E' que esses carros e carroções, enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajaezados de festões, e cheios de gente ebria e vociferante, passeiando pela cidade a sua escandalosa bruéga; esses bandos de romeiros cambaleantes, com o chapéo esmagado ao peso das rôscas, e o peito cheio de medalhas de papel, e beijando a effigie da Senhora da Penha com os beijos besuntados de zurrapa; esse alarido, esse tropel de povo desregrado; — todo esse espectáculo de desvairada e bruta desordem ainda se podia comprehender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de beccos sordidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espectáculo chόca e revolta como um disparate... N'um dos ulti-

mos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquella amplo *boulevard* esplendido, sobre o asphalto polido, entre as fachadas ricas dos predios altos, entre as carruagens e os automoveis que desfilavam, o encontro do velho vehiculo, em que os devotos bebedos urravam, me deu a impressão de um monstruoso anachronismo: era a resurreição da barbaria, — era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilisada...

Ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada victoriosa para o centro da *urbs*, — e as facas, as navalhas, os cacetes, e os revolvers, que não acharam exercicio lá em cima, veem exercitar-se cá em baixo...



Porque o mais grave é que a festa não é sómente escandalosa: é tambem feroz.

Julião Machado, caricaturista que sabe admiravelmente apanhar em flagrante e fixar com o seu lapis ironico os aspectos mais expressivos da vida humana, dedicou, ha dias, no *Paiz*, uma bella pagina á festa da Penha; a pagina intitula-se *Trajo preventivo para os devotos*, e representa os romeiros, como os guerreiros da idade media, envergando pesadas armaduras de aço, couraças, capacetes e elmos. Não ha exagero n'isso! tantos assassinatos se praticam todos os annos naquella malfadada romaria, que toda a gente que lá vae se arrisca a uma tragica morte, — e sempre é bom levar para lá, além do violão, do embornal cheio de victualhas e do chifre cheio de vinho, uma boa cóta de malha como precaução contra as navalhas e os tiros.

Este anno, os assassinatos foram dois ou tres: e além dos romeiros que deixaram a vida no oiteiro, ainda houve muitos, muitissimos, que de lá voltaram estropiados e

pisados, com as costellas amassadas e a cabeça partida...

Ir á Penha é caminhar para o Martyrio! Antigamente, os peccadores devotos se penitenciavam subindo de joelhos os não sei quantos degraus da immensa escadaria de pedra que conduz ao templo. Escorchavam e ensanguentavam as carnes e esborrachavam as rótulas nesse fatigante e arduo exercicio, — mas não arriscavam a vida. Hoje, a penitencia é maior, e o martyrio é completo. Ir á Penha é affrontar mil vezes a morte, — porque todos os desordeiros da cidade se encontram alli, nos quatro domingos da classica festa, e transformam o arraial numa arena, em que se travam batalhas sangrentas.

Para muita cousa sórdida ou horrivel serve de capa e de pretexto a Religião! A Virgem Maria presidindo assassinatos!... o menino Jesus, no collo d'Ella, recebendo sacrificios de sangue!... e chama-se a isso uma festa religiosa!

Verdade é que, desde as mais antigas civilisações, sempre o fanatismo religioso viveu de braço dado com a orgia e a allucinação sanguinaria... Mas é realmente espantoso que ainda se conservem, no Rio de Janeiro, em pleno seculo XX, taes reproducções das festas bacchicas da Grecia e dos jogos de circo de Roma, apothéoses da intemperança e da furia, da bebedeira e da sanha assassina.



Em grande parte, a culpa da conservação d'essa usança barbara cabe aos jornaes, que inconscientemente animam e encorajam a orgia, dando-lhe adjectivos pomposos, e continuando, não se sabe porque, a attribuir um character religioso a uma festa que é apenas um Carnaval disfarçado, muito peor do que o outro.

Na imprensa diaria, ha adjectivos de uso e emprego obrigatorio. Tal é o adjectivo *poetico*, que sempre se une a tudo quanto

se refere á Penha: - poetico arraial, poetica festa, romaria poetica. Tudo alli é poetico: a igreja, a collina em que ella assenta, o culto da Virgem, a lenda da creação d'aquelle templo... E, quando chega a epoca da festa da Penha, em todos os jornaes só se encontra o adjectivo *poetico*, - tão profusamente empregado, que é de crer que, para compô-lo tantas vezes, os typographos sejam obrigados a esvasiar todos os caixotins em que moram o *p*, o *a*, o *e*, o *t*, o *i*, e o *c*...

Entretanto, toda essa poesia acaba todos os annos em bebedeira e sangue: o idyllio dá em moafa, a egloga degenera em pancadaria, a pastoral bucolica finda em conflicto bestialmente feroz.

Os jornaes têm o cuidado de não misturar esses dois aspectos da romaria tradicional: o *te-deum*, as *promessas*, o sermão, e as lôas á Virgem apparecem em uma columna do noticiario; e em outra columna figuram as facadas, as cachamorradas, os tiros, os devotos com as tripas ou os miolos ao sol, e toda a encenação da orgia horripilante em que a indigestão dança ao lado da ferocidade e em que a sêde de vinho se casa á sêde de sangue, no sopé da collina poetica, perto da poetica igreja, em que poeticamente se venera a poetica imagem de Nossa Senhora... As noticias apparecem separadas, em columnas distinctas; mas, instinctivamente, o leitor, depois de percorrer com a vista a noticia suave, procura logo a noticia feroz, e, ao terminar a leitura, exclama espantado: "Caramba! nunca se

viu tanta devoção ao lado de tanta carraspana, nem tanta poesia ao lado de tanto crime!"



Infelizmente, se vejo e fustigo o mal, não posso achar o remedio.

Já não é possivel comprehender a festa da Penha sem bebedeiras e facadas. De modo que o unico meio de evitar tamanha vergonha seria prohibir essa escandalosa e selvagem romaria. Mas todos os catholicos se levantariam, berrando e escumando de colera, contra essa *intolerancia*...

Assim, só ha um remedio: é dar tempo ao Tempo, que é um grande medico. Talvez daqui a alguns annos a orgia da Penha desapareça, como desapareceu o entru-do, e como desapareceram tantas outras festas barbaras que se escudavam na implacavel e insupportavel Tradição.

E, enquanto isso não acontece, o Rio de Janeiro continuará a ser deshonorado pelo escandalo periodico d'essa bacchanal catholica, - em que os devotos misturam a hostia com o peixe frito, o vinho das galletas com o vinho dos chifres, a oração com a blasphemia, o extasi com a indigestão, a genuflexão com a *rasteira*, a ave-maria com a navalhada, e o fervor religioso com o furor carniceiro.

O. B.



KOSMOS



Pos. Maruki
TOKIO.

LLOYD GRISCOM—EMBAIXADOR AMERICANO

Milagre de Maio

.....
E deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHERO DE QUENTAL

Pan-pan-pan!

E uma voz feminina, muito limpida e muito doce, vibrou crystalinamente:

—Acorda!

Em sobresalto, e meio tonto, ergui-me.

Nas frinchas das janellas, nas frinchas da porta, traços de ouro fulgiam. Seria manhã?

Corro, abro o postigo—e um largo jorro de sol deslumbrou-me, banhóu-me todo, illuminando tudo. Por cima da minha cabeça, junto do tecto branco, o meu canario amarello rompeu a cantar, nuns agudos triumphantes, batendo alegre as pontas das azitas louras. Suspendo a vidraça: a rua toda resplende! E lá acima limpidamente, purissimamente se desdobra o Céu azul...

Mas quem seria que bateu? quem seria que falou?

Um presentimento, uma superstição de coisas tristes ou alegres abatem-se sobre o meu espirito, invadem-me, apoderam-se de mim, d'envôlta com uma intensa curiosidade de saber que occorrença sobrenatural ou real, feliz ou infeliz, teria sobrevindo ao meu sêr, ao meu destino, á minha vida.

Penso, reflecto a espaços: algum *rendez-vous* olvidado, algum compromisso esquecido?

Não, nenhum.

Mas bateram, falaram. Olho, procuro, rebusco anciosamente. E ninguem á minha janella, á minha porta, na rua!

Subito um alvoroço intimo, fundo, delicioso como uma affeição que brota, apossou-se do meu coração, enchendo-o de um jubilo, de uma esperança, de um encanto indefinidos. E logo experimentei um desejo vivo, insoffrido e ardente de vêr, ouvir e falar a *alguem* que eu tinha visto, e ouvido, e falado, por instantes, uma vez, outr'ora, numa noite feliz, já remota: Lyly, uma creaturinha ideal, muito loura, contando treze annos apenas, de olhos azues e mãos de lirio, radiante de belleza e de graça, que a Sorte me deparara ao acaso, entre musicas e canticos divinos, á celebração de uma festa catholica, numa igreja de provincia.

Seria ella? Não sei. O que sei é que o seu nome e o seu claro, ineffavel perfil me vieram de repente á lembrança, numa arrebatção inaudita.

Mas eram já passados tres annos, e eu nunca mais lhe falara, nem nunca mais a vira. E verdadeiramente não sabia quem era, além de que procedia de uma formosa mãe brasileira e de um forte e rico pai inglez, da Escossia, um Apollo boreal, filho de «lords da *clan*, convertidos á Roma», na phrase incomparavel e artistica do immortal EÇA, num dos seus immortaes livros, o *Primo Bazilio*.

Sim—pensei, então, por fim—era de certo a Lyly, que tinha chegado, que estava alli, e que, por uma alta suggestão espiritual, um fluido ethéreo ou psychico, disso viera avisar-me, batendo e falando á minha janella como um astro que ráia e passa no alto fulgindo...

E, numa anciedade avassaladora e crescente, vesti-me e sahi, a correr atraz daquelle mysterio. Na rua, dirigi-me casualmente para a igrejinha do bairro, onde se resava, louvava, cantava, glorificava e coroava Maria, a Virgem Santissima.

Era o ultimo dia de Maio. Moças graciosas e meninas alegres, em bandos rumorosos e festivos, entravam no templo, vestidas de branco, carregadas de flôres, com os chapéos e as fitas ao vento...

Entrei tambem, nervoso, ancioso, numa pal-pitação. Immediatamente um incomparavel jubilo e uma grande felicidade sacudiram a minh'alma.

Dentro, na espaçosa nave rendilhada e florida, em meio á variegada e aristocratica multidão que a enchia, uma esplendida cabeça de ouro destacava entre todas, num alto e cheio corpo feminino, que se mantinha erecto e de pé, num triumpho esculptural de linhas, ao lado de outro que representava uma matrona, de cabellos tambem louros mas grisalhos, tendo fórmas tão fascinantes e esthéticas que lembrava a Venus de Milo.

Ao soar vago e avançante dos meus passos nas lages, a linda cabeça fulva voltou-se, num mover rapido e ineffavel—e seus divinos olhos azues fitaram-me, e seus labios sorriram-me encantadoramente.

—Lyly! gritei então dentro em mim, enlevado e triumphal.

E ajoelhei, porque *ella*, a matrona que estava a seu lado (a mãe, decerto) e as demais pessoas ajoelharam tambem.

E logo, partindo do côro e avassalando toda a nave, canticos mysticos reboáram, glorificando Maria, a Virgem Santissima, que duas meninas coroavam, e que, sobre a alvura immaculada do seu flammante altar florido, sor-

ria idealizadamente, para o Céu e para Deus, numa auréola de ethereal esplendor...

No rumor gazil e doce da sahida, em que a emanação vaga das flôres, do incenso e a capitosa fragrancia dos corpos e vestes femininas embalsamavam o ambiente, inebriando e idealizando tudo, vim levado suavemente até á porta do templo, numa onda embevecedora de meridionaes ou tropicaes physionomias olympicas, onde os olhos radiavam como minusculos astros negros humanos de graça e sedução supremas, encontrando já, de pé ao humbral, tentadora e magnitica na sua belleza septentrional de loura anglo-brasileira, a Lyly, ao lado da mãe, ambas trajadas de branco e com os largos, leves chapéos de verão pousados galantemente ás cabeças como gigantesca borboletas de neve com azas trémulas de neblina. Olhavam, como quem procura e chama, a rica fila de carros e automóveis ligeiros que estrepitavam no ádro, em rodantes movimentos. E eu fitava a adorada creatura edenica, que via pela segunda vez na minha torturada e anciosa vida de artista e de sonhador dolente, cheio de idealismo e paixão, e, sem saber como nem porque, apunhalado impiedosamente pelo presentimento e a idéa de que era aquelle, talvez, o derradeiro e afflictivo instante que a teria sob os meus olhos e sob o meu desejo. Sim, porque eu tinha deante de mim a linda enseada azul-serena que se desdobra para Guanabara, para o vasto Atlantico além, e que parecia incessantemente accenar-lhe, arrastando-a e attrahindo-a para o seu seio ondulante, onde a Aventura e o Sonho, as Emoções e as Viagens, cantam e arrebatam as almas, executando as wagnerianas symphonias do Mar, á orchastração atroadora do Vento e da Vaga, de mãos dadas ás Sereias...

Mas um automóvel côr de ouro, como o sol que jorrava do Azul ao momento, encostou silencioso e precípito ao amplo batente de cantaria da grande porta da igreja.

Lyly fitou-me então, por segundos, enlevadora e deslumbradoramente. E, a um accêno da mãe, num passo grácil e largo de grande ave marinha, subiu com ella para o automóvel côr de ouro, que voou como uma fléxia

perdendo-se electricamente no meio da multidão de vehiculos de toda a especie que desciam para a *city*.

E, emmudecido e algemado num êxtasis, eu a segui, por um voar de minutos emocionante e fremente, vendo os seus cabellos de um louro de sol relusirem como um astro, sob o leve véo de bruma que esvoaçava ao vento...

A' tarde, no alto varandim balaustrado da Gloria, eu scismava nostalgicamente a olhar a ampla bahia, onde um *steamer* pairava, num fumegar de partida, ao lado de Villegagnon, á ponta de Coligny, quando um amigo bateu-me no hombro, de repente, segredando-me com affecto:

—Então? Já sei que viu hoje a Lyly...

—Sim... Mas onde está ella agora? murmurei quasi sonambulamente, ainda olhando a bahia.

O meu amigo sorriu e expressivamente tornou, apontando o mar ao largo:

—Alli, a bordo do *Aragon*, que vae leval-a de certo para algum novo destino...

E contou-me que ella vinha do Prata com a mãe, e seguia para a Europa. Soubera-o pelo Charles Wilson, da *Mala Real Ingleza*. E abalou no primeiro bonde que corria em direcção á cidade, deixando-me ainda mais desolado e mais triste.

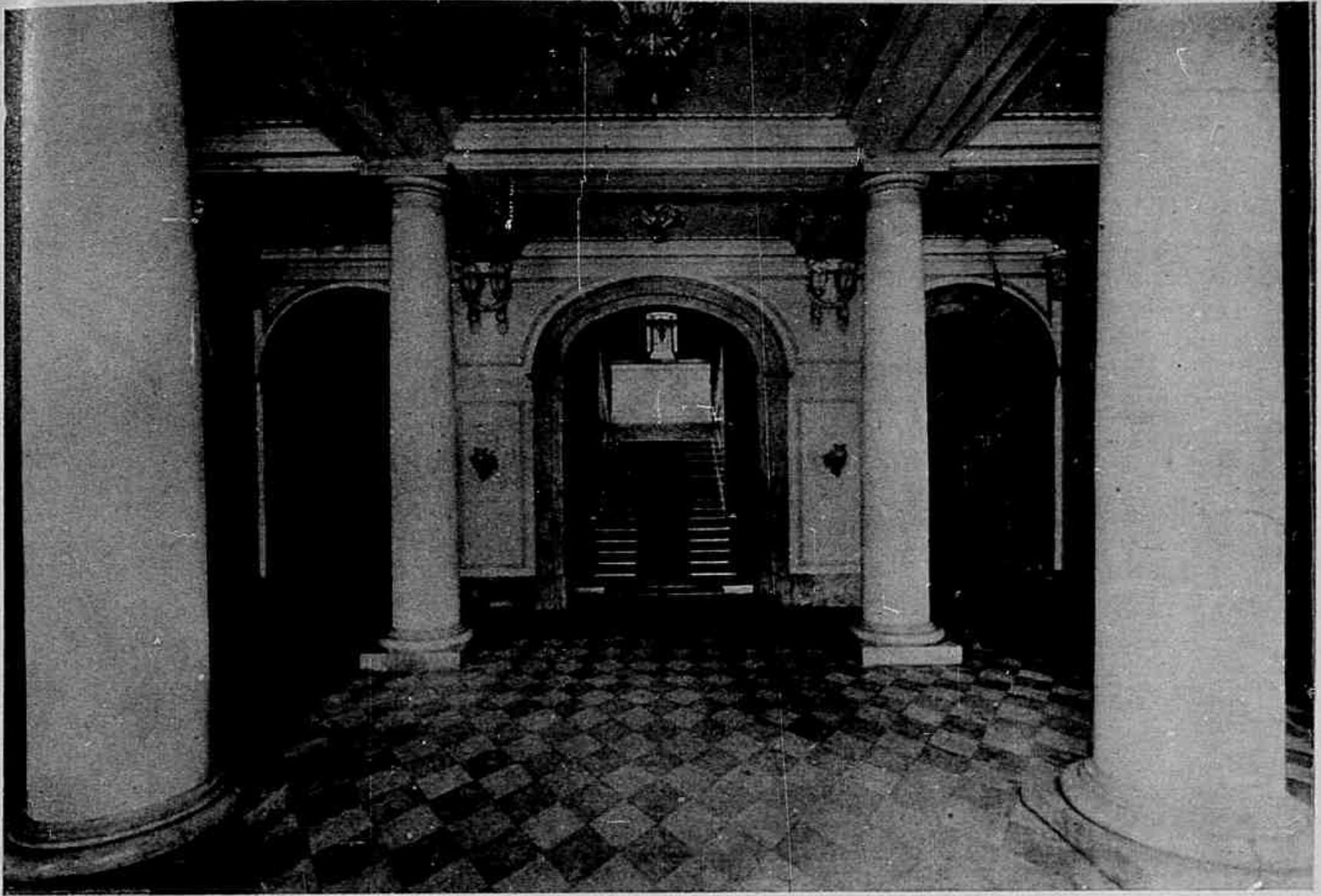
Voltei a olhar a bahia, admiravel como sempre, porém mais nostalgica e saudosa nessa hora vespertina. Já o *Aragon* suspendia.

—Na verdade devia ser assim mesmo, pensava eu intimamente. A Felicidade para os artistas passa sempre como um meteóro ou um relampago: surge, fulge, desaparece instantaneamente. Que desventura inaudita!

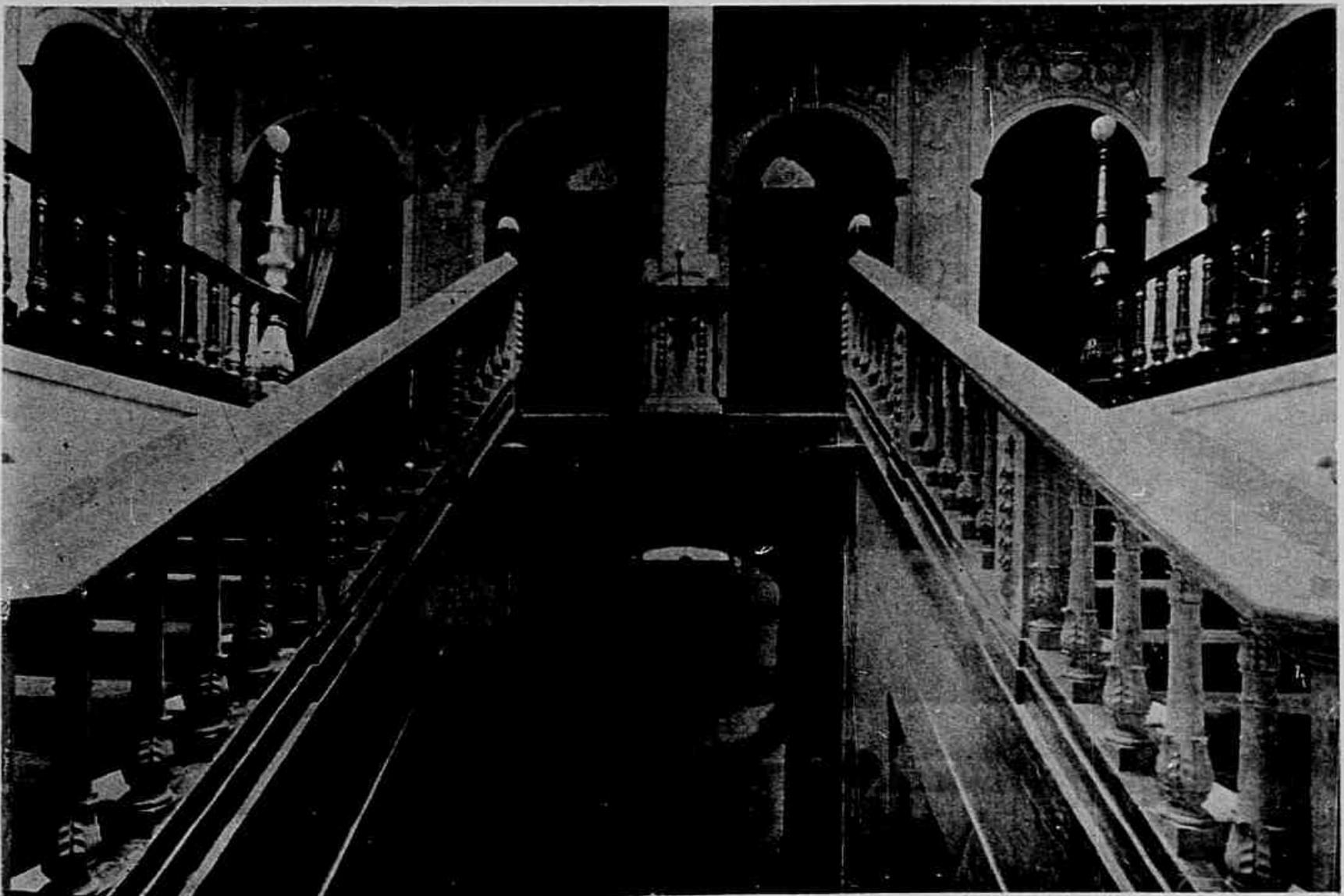
E lá ia a Lyly, Atlantico em fóra, para a Inglaterra, para a Escocia, para o seu Castello dos Granppians, e eu nunca mais a veria!..

Por muito tempo então, segui com o olhar, desolado, o enorme casco balouçante do *Aragon*, que, por fim, se perdeu de todo no horisonte nevoento do Mar infinito...

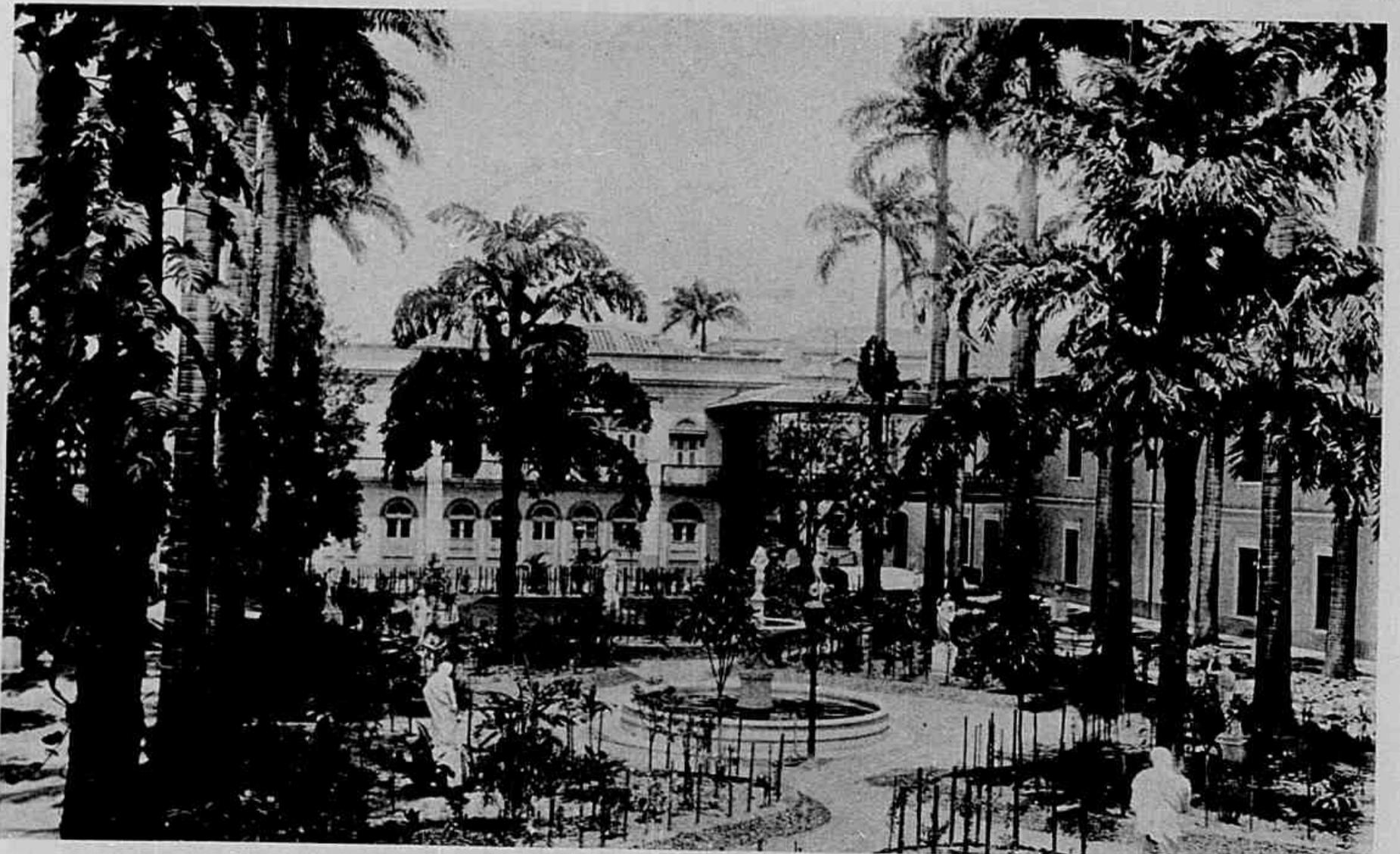
VIRGILIO VARZEA.



SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES—SALÃO DE ENTRADA



SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES—A ESCADARIA PRINCIPAL



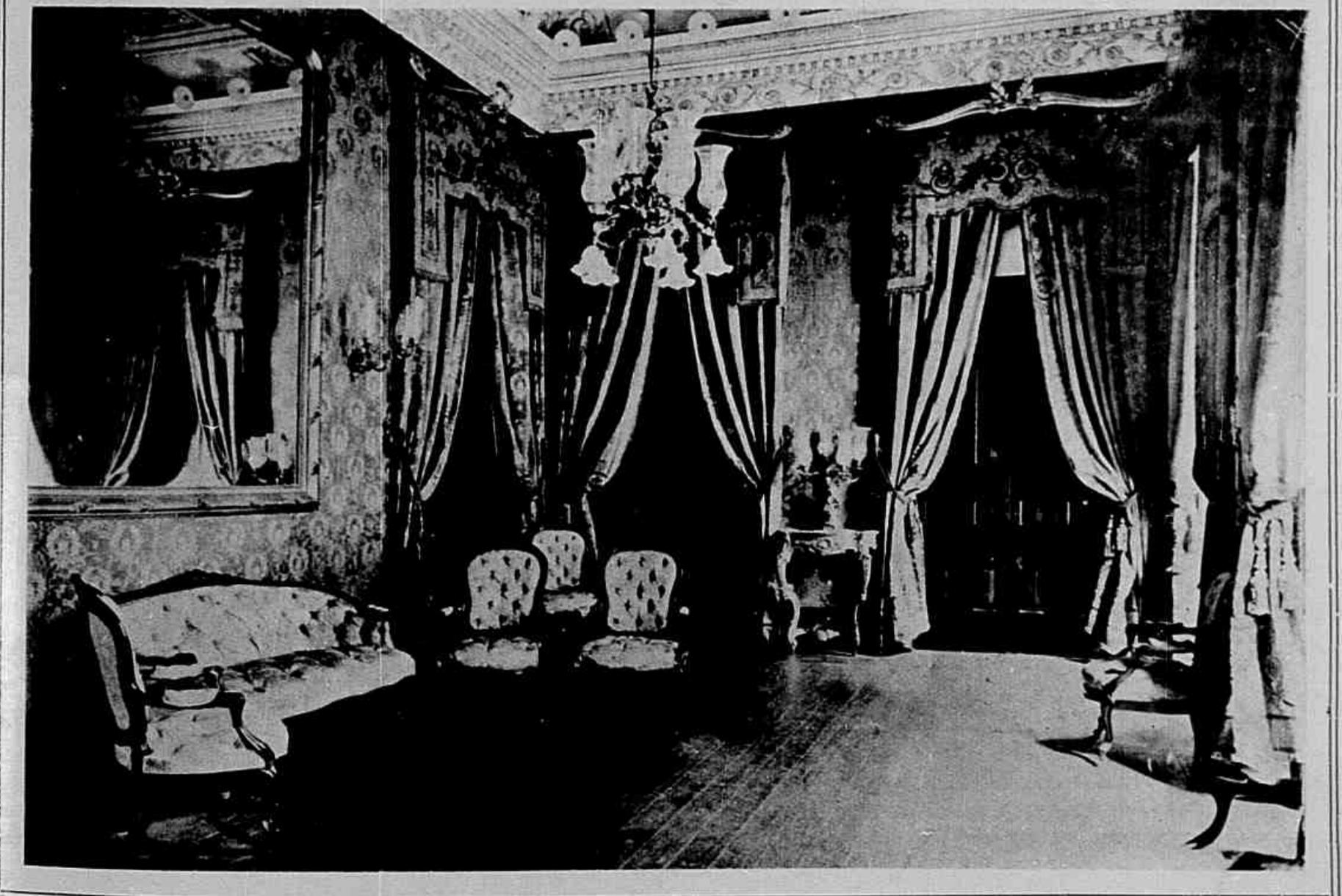
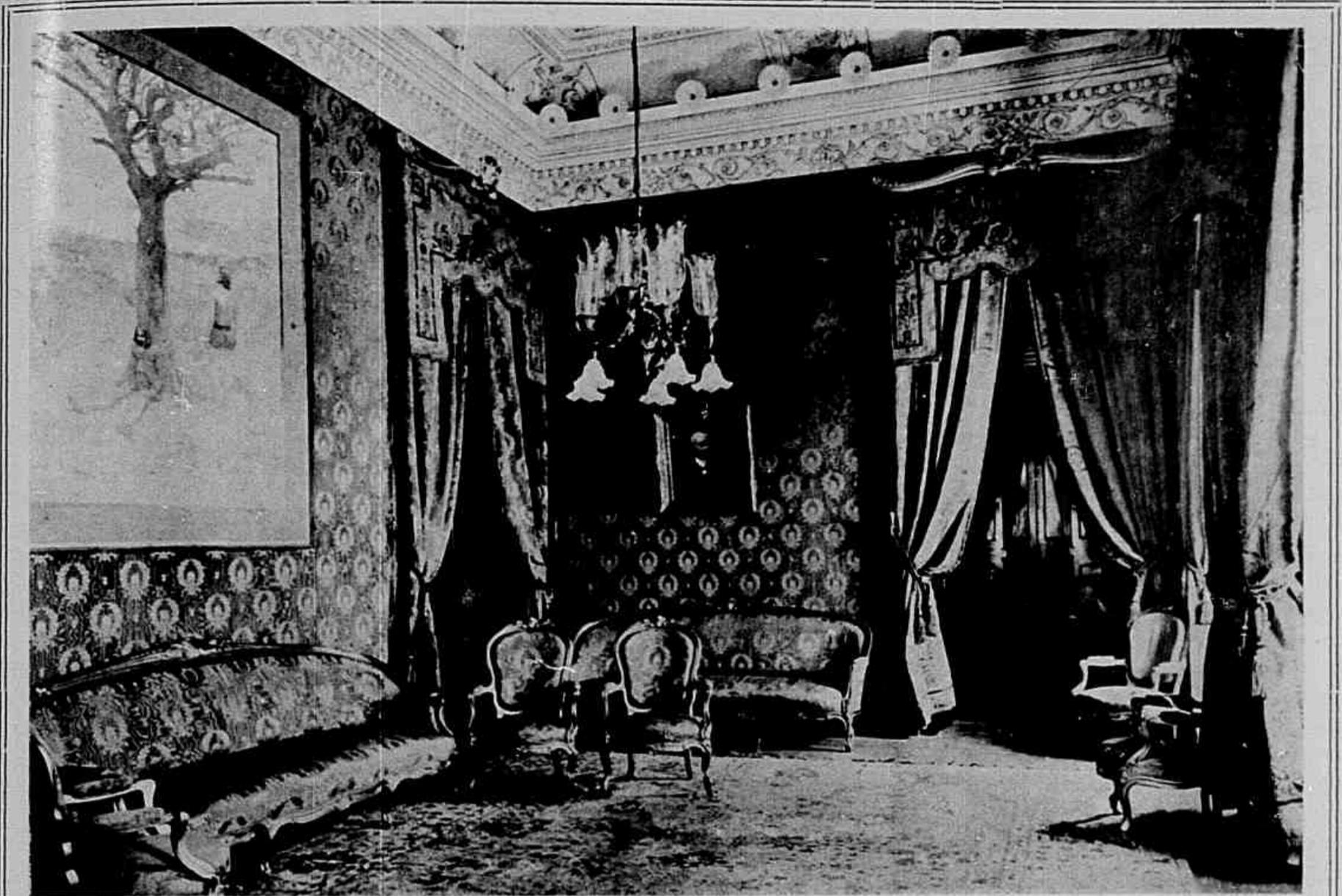
JARDIM DO PALACIO ITAMARATY



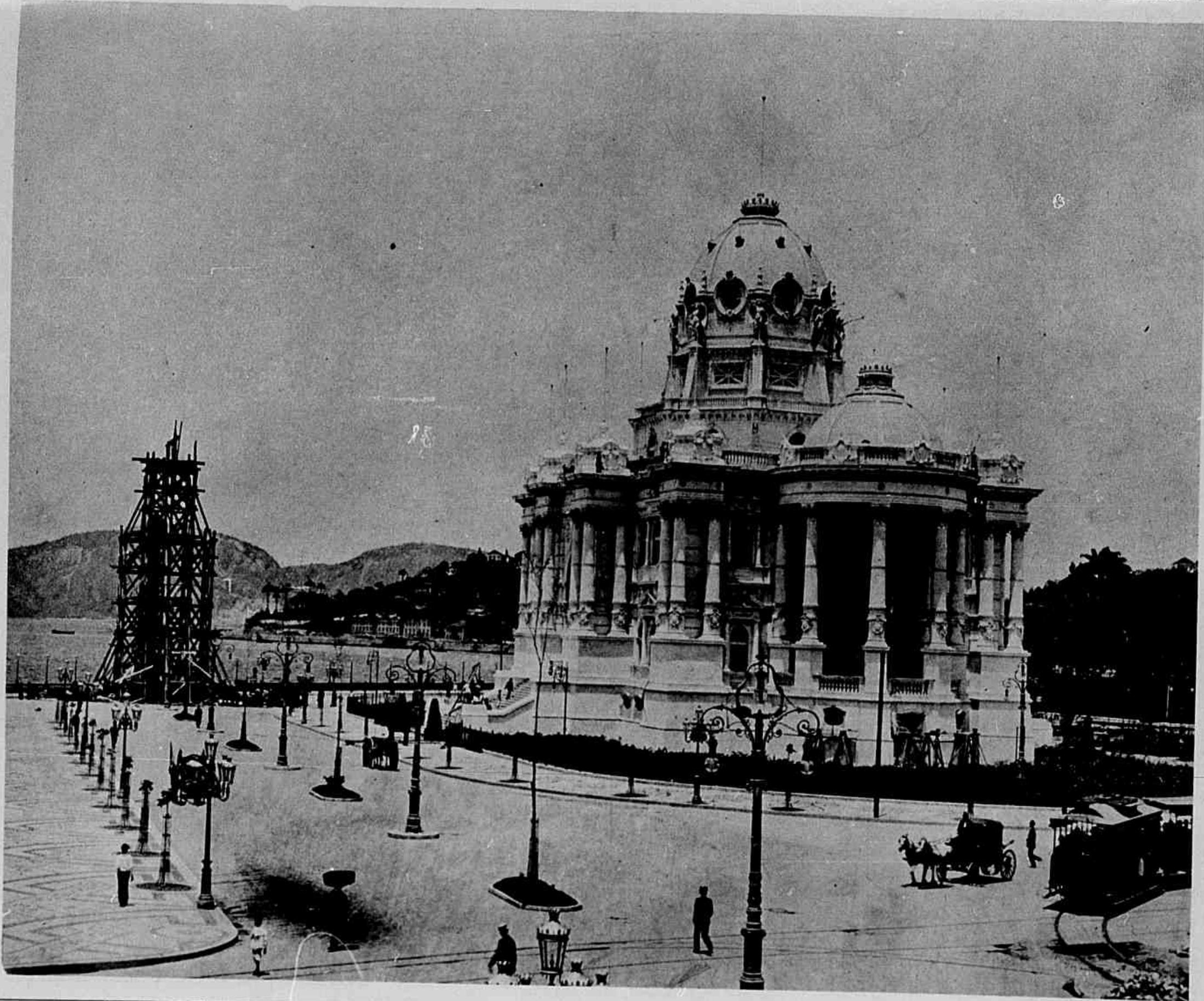
SALÃO DE RECEPÇÕES (SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES)



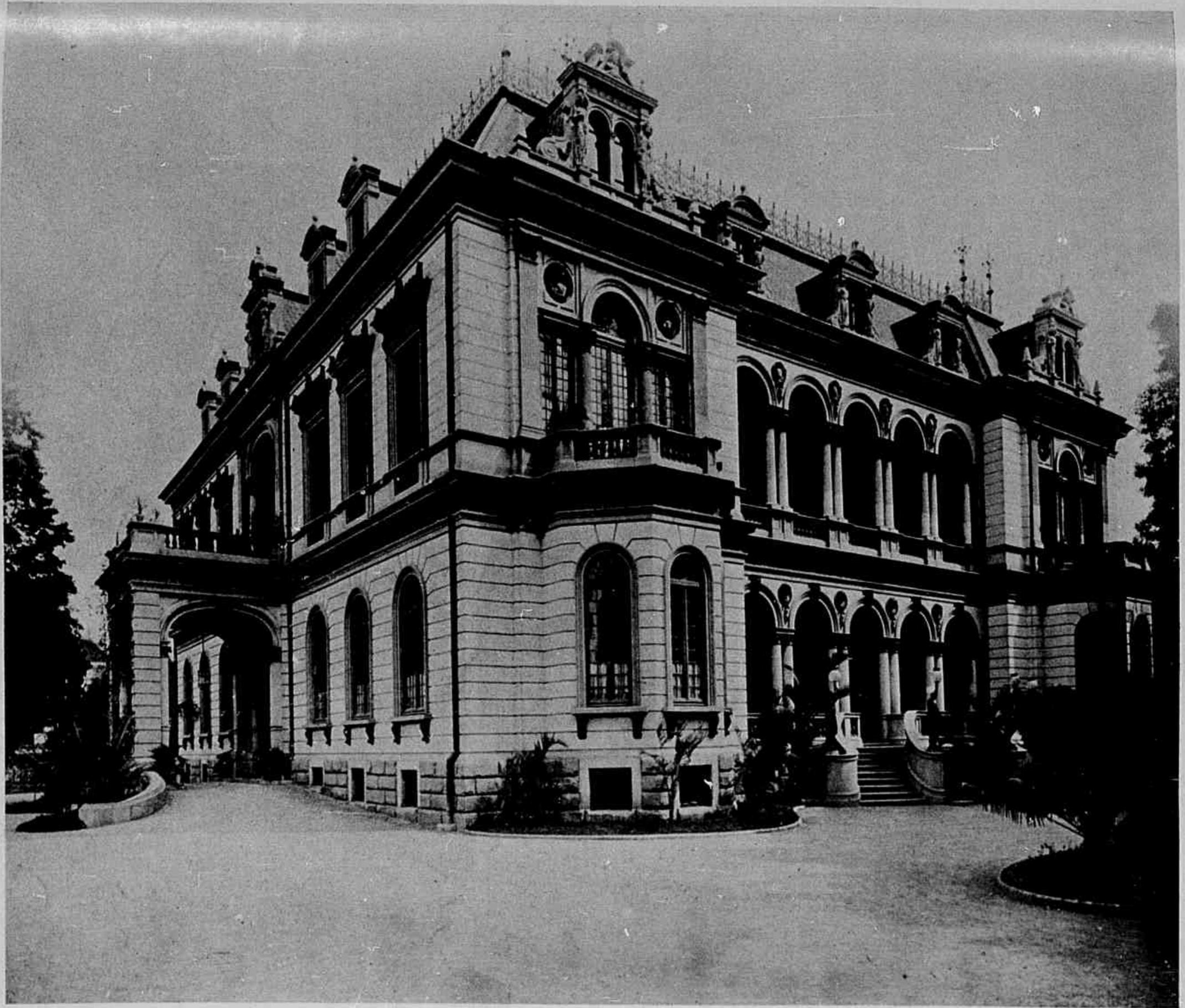
BIBLIOTHECA DA SECRETARIA DAS RELAÇÕES EXTERIORES



PALACIO ITAMARATY — SALÕES



PALACIO MONRÖE



S. PAULO — PALACETE ELIAS CHAVES, ONDE SE HOSPEDOU ELIHU ROOT

Phot. Gaensly—S. Paulo



PALACETE ABRANTES, ONDE SE HOSPEDOU ELIHU ROOT, NO RIO DE JANEIRO — LADO DO PARQUE



O PARQUE

TRADIÇÕES

E lá fomos nós ambos, no delicado goso daquela palestra amiga, palmilhando, a passo, com vagares de observação, aquella sumptuosa arteria carioca, rasgada através de um longo labyrintho tradicional de ruas velhas e feias.

Do Céu desciam as primeiras suavidades de um Crepusculo de Inverno, com tinturas violetas para as bandas da barra e uns restos de claridade viva para os lados dos morros altos.

Deixamos a *terrasse* de um desses alegres cafés modernos, cheios de uma palradora mocidade futil, cantante da alegria feminina de uns vestidos claros, e emprehenderamos essa viagem civilisadora, pelo consôlo de uma rua larga e nova, em busca de algo que nos descobrisse, alli, a Saudade lamentosa das Tradições.

Para Marcio, nesse trecho novo da Vida carioca, nenhuma reminiscencia, sequer, d'antanho, do velho Rio que desaparece, encontraríamos: nenhuma.

A mim, alimentava-me a esperança enlevadora de encontrar, no esquecimento de um uso, de um costume simples, a antiguidade patriarchal da minha linda cidade carioca.

Curiosos, ávidos, lá iamos a olhar para o casario novo da Avenida, para o tormento desabalado das suas cupolas, que estendiam já, pelas calçadas, as primeiras sombras dos seus vultos negros.

Nada. Tudo novo; tudo Civilisação, desde o feitio semi-circular das vitrines, ao estylo arte-nova das frontarias; desde a miuda pedra arabescada do calçamento, á polychromia estaboneteante das pinturas. Tudo novo, de hoje, séia o resquicio de um velho habito, nem a reminiscencia de um costume antiquado.

Ávidos, curiosos, seguimos por essa longa Avenida encantadora, despertados, aqui, alli, pelo fom-fom moderno dos automoveis, pelo guisalhar novo da alimária dos fiacres. Marcio exultava.

—Vês? Tudo moderno: tudo Civilisação. São os *autos* que passam na inconsciencia vertiginosa do seu mechanismo, no seu desgracioso feitio de fogões..... á gazolina. E' o engenho humano vencendo a elegancia animal. Olha. Agora são os fiacres. E' Paris, puro Paris, até na cor das lanternas e na posição des-

animada dos cavallos. Tudo novo, tudo Civilisação.

E caminhavamos, ao lado um do outro, Marcio com a sua palrice de Meridional, apontava as esquinas:

—Reconstróe, se és capaz, aqui neste trecho, o pedaço que existiu da tua velha Cidade.

Paravamos, analysavamos, buscavamos reviver, na memoria, algum pequeno trecho do que fôra um ponto designado, um local apontado.

—Esmagada, morta para sempre, a solemnidade das tuas Tradições.

Tudo novo, tudo civilisado. Até no vestuario. Repara. Estamos a andar ha meia hora e ainda não encontramos uma sobrecasaca. E' incrível. Até já ha roupas claras.

Descêra aos poucos uma noite suave de Junho, com o seu lindo Céu negro e o pisco luminoso, muito claro, dos seus milhões de estrellas.

Para traz, foram ficando as grossas molles de cantaria do commercio allemão, com o seu aspecto silencioso de prisões e a sua gravidade de fortes.

Vinham agora as construções mais leves, do pequeno varejo, já illuminadas pela claridade leitosa das lampadas electricas.

Vinham agora as *terrasses* dos cafés, dos pequenos *bars*, com as suas pequenas mezas de folha, gritando reclames de cervejarias, já quasi vasiaas pela hora e pelo Inverno.

Nem mesmo o Castellões, o lindo *bar* de hoje, nem mesmo elle, deixava transparecer, através do nó das suas armações, do seu delicioso local, do seu velho nome conhecido, aquelle saudoso Castellões, das epocas do rememorado Carlos, o Major, que fôra o reducto formidavel de tanta mocidade, alli, naquelle pequeno corredor estreito da Rua do Ouvidor.

Vem elle.

Parámos um pouco, á esquina da Rua da Assembléa, hoje larga, longa, bem construida, bem calçada.

—Esta é a nossa amada, a nossa querida, a nossa lembrada Rua da Assembléa. Quem a reconhece agora? Alli, era o Knop, lembraste? Lá, o *Mercurio*; e Marcio avançava o braço, apontando.

Um, representava o desperdicio de alegrias moças, na inutilidade das agremiações palradoras e incipientes; o outro, ah! o outro! foi a unica tentativa seriamente commercial da nossa bohemia. Este durou seis mezes; aquelle teve a existencia folgada de longos annos.

Hoje, nem existe mais a tristeza das ruinas, que possam levantar o consôlo de uma longa Saudade.

Veio a Avenida Central e supprimiu o Knop, que já se accommodara, antes, ao destino familiar de vender camas e colchões; depois o alargamento da Assembléa, levou para sempre o velho casarão desequilibrado, onde, por seis mezes a fio, se equilibrou milagrosamente, o nosso chorado *Mercurio*. Nem mais estas recordações nos restam, nem mais estas, as mais intimas.

E continuamos no vagar da nossa palestra. Agora, eram as construcções officiaes, graves e vastas, impondo á respeitabilidade popular a solemnidade do seu aspecto.

— Olha, tornou Marcio, nem o Castello pouparam. Vae aos poucos; desfaz-se, dia a dia, em aterros fecundos para a Civilização nascente.

E foi alli, dizem, que acamparam as primeiras populações cariocas; é, portanto, o berço da Cidade; pois lá se vae.—

Que mais queres? Voltemos, já se faz tarde e o frio aperta. Para lá só tens a supercivilização — O Theatro Municipal, o Palacio Monröe.—

Eú seguia silencioso, roido desse despeito mal concentrado dos vencidos, notando defeitos, falhas de estheticas.

Como era cruel aquella verdade. Nesse longo percurso, desde o extremo commercial da Avenida, até aquella recanto socegado e claro, por aquella rua sumptuosa e clara, não encontramos, sequer, o mais leve indício de uma Tradição, a Saudade viva de um Costume antigo.

A Civilização triumphava gloriosamente, esmagando toda e existencia patriarchal da minha velha cidade carioca. Estava vencido, não havia duvida.

E Marcio, com o seu ar alegre de triumphador, enumerava progressos que se iam fazer, posturas municipaes que se iam votar, para a completa remodelação da Vida carioca.

De repente, do assomo alegre de uma descoberta victoriosa, exclamei:

— Ah! cá está! Eil-a, Marcio, olha, repara, certifica-te. Era impossivel. Deviamos encontrar-a por força. Tinha quasi certeza. Olha; é a velha, a inesquecivel Tradição. Veio plantar-se aqui neste recanto socegado da Avenida, sob a protecção silenciosa do velho convento.—

E de facto. Quasi enfrentando a sumptuosidade magnifica do Palacio Monröe, já quasi no fim desse ajardinado que acompanha o velho, o monumental Convento da Ajuda, eu descobrira a luz mortíca da pequena lanterna

suspensa da *Bahiana*, vendedora de mendobi e de cuscús.

Sim! Era ella, que alli estava, oppondo ao clamor barulhento da Civilização dominadora, a ingenuidade simples do seu pequeno commercio primitivo. De onde viera? Talvez, das bandas afreguezadas da Central; talvez, das portas barulhentas do Mercado. Sei lá.

Viera para alli, trazida, naturalmente, pela ambição do ganho, em busca de local mais lucrativo. E escolhera aquelle recanto civilizado para offerecer ao transeunte moderno, a novidade excitante do seu mendobi e o sabor adstringente dos seus cuscús.

Parei feliz. E lá vi o mesmo taboleiro tôsko, assentado sobre a pequena banquetta em X, e era o mesmo, o classico, o fogareiro em que crepitava a braza rubra do carvão de lenha, aquecendo os pequenos bôlos roliços de mandioca.

Aquella modesta Tradição carioca, alli, naquella brilhante Rua rumorosa, defrontando a gloriosa architectura do Palacio Monröe, era como a Saudade de uma Vida extincta, florescendo no vigor excessivo e radioso de uma existencia que começa.

Exultei. Marcio estacara emmudecido.

— E dizem, meu caro Marcio, que somos um paiz sem Tradições. Olha, repara, certifica-te. Não; para nós, velhos Tradicionalistas, nem tudo está perdido. E como resumo da nossa Vida simples de outr'ora, não pode haver prova mais saborosa de que esta ingenua *Bahiana* do mendobi e do cuscús.

E esquecendo-me que era Inverno, abri, sobre o peito, o agasalho commodo do meu sobretudo inglez, e num gesto galante de cortezia, saudei gloriosamente aquella ingenua creatura basbaque, que era para mim, naquelle momento, o Symbolo supremo das Tradições cariocas.

* * *

Lá em baixo trillaram apitos; gente curiosa corria a agglomerar-se para as bandas do caes novo.

Dois «chauffeurs» esmurravam-se valentemente, enquanto no recesso calmo e grave do Palacio Monröe, a Terceira Conferencia Internacional, discutia a Paz e a Concordia.

Ah! A Civilização...

Outubro, 1906.

MARIO PEDERNEIRAS

PAGINAS VOLVIDAS

ALI está, naquella angulo de ruas entrecruzadas, de soslaio á loja de *Madame Colon*, que ainda é um resto tradicional da antiga rua d'Ouvidor, a nova construção ecclética de um café-restaurant.

Ha algum tempo, vae isso para mais de cinco annos, um incendio consumiu o interior do edificio, que existia talqualmente ha meio seculo passado; mas do que elle foi outr'ora, só ficou a recordação do local. Nada mais.

E ali, n'aquelle logar, no encruzamento dessas ruazitas que o impulso civilizador da extraordinaria força de vontade do Prefeito Passos não conseguiu alargar, entre aquelles mesmos muros que o tiralinhás de um mestre de obras transformou de bruto casarão solido, que era, em vistoso mixtíforio architectural, o ouro amoedado de uma geração extincta, os sonhos desvairados de ardega mocidade que uma vaga, sussurrada chronica verbal apenas lembra na rhapsodia dos exaggeros de uma época, foram consumidos mais impetuosamente, mais anniquiladoramente que as traves e os barrótes da construção presa das chammas de um inexplicavel incendio.

E foi ali que existiu o famoso hotel *Frères Provençaux*.

Quando a idade me consentiu vadiar nesse corredor de bazar, que se chamou rua d'Ouvidor, já o famoso *Provençaux* era uma carcassa de exgotada existencia.

Ainda em suas sacadas de ferro, as letras de zinco dourado de seu titulo attrahiam olhares; ainda seu vasto refeitorio rocóco, estylo que as alegres tendencias da arte sob Luiz Napoleão resurgiram e modificaram, estava na predilecção de certos gastrónomos e bons viveadores — rheumaticos grisalhos da velha guarda dos Prazeres, veteranos do Amor Livre, de grossos narizes carminados, sadios provincianos bastidos de concupiscencia, rapazes estroinas, dandys devassos e um bando promiscuo de legionarias da Volupia, em cambraias e confeccões *a la mode de Paris*... mas em verdade, seus tempos aureos eram decorridos, porque já não existia o Alcazar.

Quem hoje ouvir referencias ao theatrinho da rua da Valla, denominada, ao depois, Uruguayana, e hoje larga, assejada e reedificada por esse illustre brasileiro que recorda o barão de Hausmann; quem hoje ouvir falar d'aquelle theatrinho terá de o reunir á existencia do hotel desaparecido.

O *Provençaux* foi a succursal do *Alcazar Lyrique*, o desdobramento do seu poder, uma provincia maior do seu reino. Dependiam-se. O jugo exercido pelo theatro estendia-se ao hotel, e quasi sempre a febre começada lá, na singela platéa da rua da Valla, n'um predio que, antes do seu alargamento de hoje, acabou

por ser loja de fazendas e corresponde modernamente ao local em que está o *Café Mercurio*, vinha attingir o delirio no salão da locanda celebre, entre seus altos muros de estuque decorados com fructas e folhagens em caneluras chauvradas que ladeavam janellas de espelhos emoldurados, ao gosto da época, por theorias de cupidos coloridos e festões em volutas douradas. Dois grandes lustres de bronze Segundo-Imperio, com salvas de porcelana sustentando os floreçados braços dos combustores, e arandelas de crystal pingenteadas, illuminavam alegremente o linho claro das filas duplas de quadrados para quatro talleres e alguns pesados centros de jacarandá ou mogno, sobre columnas de torneados gommos macissos descançando em tres garras de féra.

Provavelmente, nesse fastigio d'antanho, um *maitre d'hotel*, escanhoadado, de papeira no collarinho em laço branco e desengonçada casaca da etiqueta, attendia o serviço com a proverbial solicitude da sua delicada função.

E a sala resplandecia, repleta de comensaes nocturnos. Graves senhores, que usavam chapéos do Chile, abriam largos sorrisos babados nos rostos limpos de barba que, apenas, os contornava por baixo do queixo, de orelha a orelha, e enterneciam os bugalhos a petulantes francezinhas de cheirosos cabellos na rêde dos coques, em amplos vestidos de seda campanulados por crinolines; bisonhos dos desregramentos, conhéstros e ardidos, jovens herdeiros de fortuna feita com o trafico dos negros d'Africa ou arrancadas pelo vergalho á fadiga dos eitos, formavam grupos facilmente accessiveis á pericia fascinadora das trefegas fadas loiras ou das feiticeiras pallidas de meneios irresistiveis; secretarios de legação licenciados e grandes sabedores dos costumes do *Mabile*, a juventude alegre e casquilha, de lunêta quadrada na orbita direita, soíças ladeando as bochechas, bigodes arrebicados e calças collantes flôr de alecrim em presilhas sob a delgada solla Mellié, toda a roda gamenha de velhos e rapazes para lá corria, após os garganteios da *Risettes Chéri*.

Brilhavam crystaes e porcelanas, cassambas d'electro-plate conservavam, entre pedaços de gelo do polo, apetedidas garrafas negras, de gargalhos prateados, das conceituadas *caves* da *Veuve Clicot*; poncheiros flammejavam; *garçons*, em jaquêta negra e aventaes brancos, corriam de mesa para mesa conduzindo iguarias fumegantes, deliciosos pitéos baptiasados á pariziense. Um ruido de risadas e murmurejos, de exclamativas e charlarice, aturdia a semelhança d'um livre folguedo de arraial.

E quando, por fóra, o silencio adormecido *d'aldeia imperial* mais pesava sob o friosinho da madrugada as *flûtes* agitadas espumejavam ferventes, entre hips e hurrahs febris, roncados nas guelas seccas dos delirantes, estridulados nas gorjas frescas das tentadoras victoriosas. Foi isso em pleno dominio do ultra-romantismo.

A pacatez burgueza, a nossa formidável e antiga burguezia zorreira d'espírito e apoucada de letras, tendo soffrido consecutivas congestões de pudor com a ostensiva libertinagem do sr. D. Pedro I, cuidou logo, nos principios do segundo reinado, em pesar mão autoritaria sobre os costumes licenciosos. Mas, de repente, uma época rebelde levantou a moralisadora manopla e abriu curso aos desrespeitos e desvarios.

Uma geração que o byronismo cultivou secretamente, apurada pelas paixões lamartineanas e, depois, modificada pela influencia de Musset, produziu phenomeno contrario ao que se poderia esperar — cahiu n'uma desbragada pandega de amor, de jogo e de mesa, como jamais vira em sociedade tão morigerada e modesta!

Para tanto concorreram dois sorridentes e labiosos alchimistas, insignes no preparo dos philtros da sedução.

Mr. Arnaud, no seu laboratorio da rua da Valla, denominado *Alcazar Lyrique*; Mr. Guignon, no laboratorio conhecido pelo nome de hotel *Frères Provençaux*, na esquina da rua d'Ouvidor com a dos Latoeiros, e nesses fôcos terriveis, iguaes pela mesma força, unidos para o mesmo fim, foi a geração de 1860 a 1870 beber o perfido elixir do gozo pelos olhos e pela graça das cantoras de Offenbach, pelos labios e pelos encantos das parisienses de arribação.

Ah, mal sabemos, hoje, que loucuras fizeram esses rapazes!

Muitas vezes, enquanto a crysolita champagne effervencia, e os olliars noivavam, em quanto o arrebatamento amoroso confundia n'uma só cadencia a palpação de dois peitos, a fria sombra da Morte e a mumia spectral da Miseria bailavam em torno dos pares, em redor das mesas, ambas invisiveis na luz festiva dos banquetes... E, após nupcias ephemeras, aquelles a quem a apoplexia do brio não levava ao suicidio, procurando no cano do revolver ou no frasco dos toxicos a solução de irreparaveis difficuldades, iam encalhar no cynismo das sordidas explorações ou ficavam enterrados vivos nos manicomios.

Mas — Upa! upa! corcel da Loucura, para o Gozo! — estugavam bocças febris.

Partiam, então, em galope vertiginoso para o reino de Aphrodite Astarteia. O ouro escoava-se de seus bolsos, a saude desprendia-se de seus corpos e, peor do que isso, a honra, a mais das vezes, rolava para a lameira das transações criminosas.

E o peso de uma desgraça, apavorante como o sopro morno de uma epidemia devastadora, alastrava-se por serenos casaes da cidade, ultrapassava suas fronteiras, bafejava humildes lares de terreolas pacificas, honestas invernadas de villarejos quietos.

Está na memoria dos que manuseiam paginas do passado, dos que mergulham n'agua morta do esquecimento em busca dos despojos d'uma sociedade que, ao se retirar d'aqui, pela segunda vez, uma decantada estrella do

Alcazar, possuidora de insinuante belleza admiravelmente synthetisada no seu doce nome de Aimée — um allivio correu por todos os magoados corações de mães e de esposas, cujos labios resequidos ainda se confrangiam nos ultimos murmúrios das preces, cujos olhos ainda se nocturnisavam com as sombras das vigílias, e na borda ciliar das palpebras ainda tremiam os ventremulos das lagrimas.

Uma illustração da época, dando á estampa o retrato da fulgurante estrella, enquadrou-o de vinhêtas allusivas á sua pernicioso influencia no pacato meio brasileiro ainda muito respeitador das tradições dos seus ventrudos antepassados. Esses referidos accessorios do enquadramento eram tocantes motivos de reconciliação. N'um — o esposo infiel volvia ao lar abandonado e pobre; n'outro, o moço prodigo vinha se asylar no tecto esquecido; n'aquelle, o estudante madraço voltava ás proveitosas noitadas do estudo; n'aquell'outro a mãe inconsolavel recebia o desvairado filho arrependido.... todo um rosario das repetidas scenas do velho drama d'alma humana, mas que, para nós outros, povo em primitividade de costumes, deviam ser sensacionaes por serem estranhos.

E não era só a encantadora Aimée, morena e gracil deusa de um paraizo em leilão perpetuo, quem perturbava a *jeunesse dorée* e a millionaria commandita dos compradores de amor. Aimée contava uma rival chamada Lovatau. Por esses dois nomes degladiavam-se partidos, e os exaggeros do partidarismo pulverisavam fortunas para o gaudio das costureiras da moda e dos hoteleiros do *demi-monde*.

Dos famosos estabelecimentos de moradia provisoria, que funcionavam na rua d'Ouvidor, nada mais resta. O velho *Ravot* tambem já desapareceu, devorado por um incendio, e as tres ou quatro casas que vieram occupar o seu vasto logar, que ficava após o *Café de Java*, na esquina da praça São Francisco de Paula e fronteira á *Notre Dame de Paris*, nem o mais leve traço conservam delle, talvez nem mesmo os alicerces!... E como elle o *Provençaux* terminou os seus dias.

Mas ali, n'aquella esquina formada pelos escuros e estreitos canaes Moreira Cesar e Gonçalves Dias, apelintrados com seus passeios de mosaico de côres vivas, existiu o grande viveiro dos rouxinões de Paris, que trinavam no palco do *Alcazar Lyrique* fascinando velhos e moços.

As gerações que nos succederem, talvez menos indifferentes aos casos do passado que a nossa, o encontrarão em alguma obscura *Memoria de um tempo*, onde tambem crepitam, já como borralhos que assignalem a passagem de caravanas pela areia nua das solidões, os ardores dessa mocidade que lhe deu vida e onde, sem duvida, perpassem no tenue fumo dos ultimos carvões, em rondas silenciosas de evocação, os aspectos de suas formosas aboletadas que lhe deram fama.

JORNAL DO COMMERCIO

—
O NOVO EDIFICIO EM CONSTRUCCÃO
(AVENIDA CENTRAL)



AS ESTAÇÕES

O velho Chronos, estirado á beira do rio perenne cujas aguas, golfando limpidas e sonóras da urna abundante, correm em direcção ao abysmo, ora por entre o arvoredado gracil, ora por vailes tristes de pedregulho esteril, em ferteis campinas ou em sáfaros areas, lisas, serenas, espelhadas ou atropellando-se, precipitando-se de rochas com escachôo, contemplava, sorrindo, o brinquedo das Horas quando romperam do bosque os seus quatro filhos predilectos—a Primavera feminea e os tres mancebos: Estio, Outono e Inverno.

Vinham em disputada corrida, atroando a selva com um vozerio raivoso e, mal chegaram ao sitio em que jazia o deus impassivel, contiveram-se arquejando.

E a donzella offegante, com as faces floridas e os claros olhos resplandecendo, disse, por entre lagrimas, que lhe davam mais belleza ao rosto admiravel:—Padre, dá-me outra sorte—funde-me nessa agua, muda-me em pedra inerte, torna-me em ave, em bruma, em nuvem ou em astro, faze de mim o que quizeres, mas livra-me da companhia cruel d'estes irmãos que tanto me martyrisam e humilham com doestos e ironias mais ferinos que dardos.

E o Estio rubro, adeantando-se, com os cabellos fulvos revoltados, os olhos lançando chispas, atravessou a distancia que o separava de Chronos e, á sua passagem, as hervas pendiam languidas, seccavam as nascentes doceis, acolhiam-se palpitantes os passaros aos ninhos. Inclinando-se ante o deus falou com palavras cálidas:—E' melhor que a conserves a teu lado, Padre. Enquanto trabalhamos na terra para utilidade dos homens ella só cuida em garridice.

—Vê os campos que ella atravessou, disse o Outono—só têm flores. E o lento e livido Inverno accrescentou transidamente:

—E' inutil! Que valem flores? Chronos ouviu em silencio, por fim, soerguendo-se, depois de acenar ás Horas para que não se deti-

vessem, chamou a Primavera temida e, acolhendo-a carinhosamente, dirigio-se ao Estio impetuoso:

—Achas que a devo conservar em minha companhia, assim seja. Ide vos outros, fazei o que vos cabe. Mas que a vida não cesse. E' preciso que haja pão e linho, fructos e novos rebanhos e o homem não lamente o destino na terra. Ide, ella ficará commigo. E os tres irmãos partiram: o Estio, o Outono e o Inverno.

A Primavera ficou junto a Chronos sereno e, em torno della, a terra rebentou em flores. As aguas corriam perenes da urna—eram a miragem da Vida attrahida pela Morte. As Horas bailavam cantando e sorrindo, na mão direita rosas, na sinistra a foice.

Passaram dias.

Subito, uma manhã, abrumaram-se os ares, toldou-se o azul do ceu de nuvens pardas, os ramos despiram-se das folhas e o Inverno livido e merencoreo appareceu taciturno. Adeantando-se para a ribeira eterna logo se congelaram as aguas. Instantes depois alumiu-se o ceu broslando-se de purpura, crepitaram as areias brancas, estalaram os ramos exciduos e um halito de fogo abrazou o espaço—e o Estio appareceu ardendo. Sem animo de falar a Chronos quedou-se no penedio calcinando a rocha em que se assentou em silencio. O Outono chegou por ultimo.

—A que vindes? perguntou o deus. E os tres, a uma, exclamaram:

—Padre, a terra está morta.

—Aquecia-a, disse o Estio. Foi em vão.

—Debalde a fecundei, disse o Outono.

—Adormeci-a e morreu, disse o Inverno.

E o Estio lamentou:

—Não ha rebento...

—Não ha seara, suspirou o Outono. E o Inverno concluiu:

—Está morta.

Chronos sorriu e, docemente, chamando a Primavera, disse-lhe:

—Vae, filha; paira sobre a neve e funde-a com o teu halito, accorda com as canções dos teus passaros a terra que dorme em frio, dá-lhe a alegria da tua eterna mocidade e a graça que é o teu encanto e, quando assim houveres feito, volta.

E foi-se a Primavera cantando.

Logo um perfume suave encheu os ares tépidos, rebentaram renovos nos ramos desnudos, sahiram dos ninhos galreando nuvens de passaros vivazes, enxames de abelhas cruzaram-se zumbindo, desregelaram-se as aguas, desannuviou-se o ceu e a Primavera tornou carregada de rosas.

—Vae agora, disse Chronos ao Estio: todas as flores já passaram da infancia, estão em plena puberdade; cerca-as o cortejo nupcial dos insectos alados e as brisas que passam, enchendo-se de aroma entoam docemente o epithalamio amoroso. Ellas esperam-te, és o noivo das corollas. Bemdicto seja o teu beijo doirado. E foi-se o Estio.

E disse o Deus ao Outono: Agora tu, que és a força da seara, o amajo das espigas, o sereno dos pomos, a fibra dos linhos, o leite dos rebanhos, vae e completa a obra da fecundação com a substancia, o sabor e a belleza. Que os homens te bemdigam á hora da colheita e que os armentios saudem a tua passagem com as suas vozes sonoras. E foi-se o Outono.

Instantes depois disse o deus veneravel:

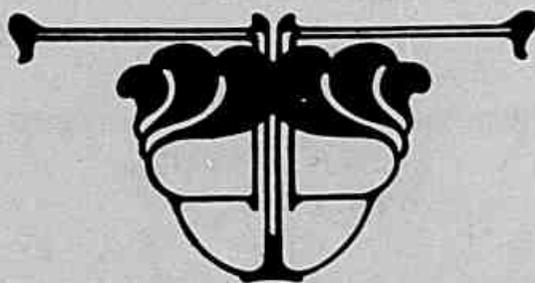
—Estão os paiões repletos, é hora de repouso. Agora tu, Inverno. Vae, adormece a terra para que ella se refaça no somno. E foi-se o Inverno.

Cumprida a missão tornaram os mancebos maravilhados do milagre porque encontraram todas as facilidades nos prados e nos montes fertes da terra vasta que julgavam morta.

—Tudo deveis áquella que tão ingratamente repellistes. Tinheis a flor por desprezível e a flor é a bocca que recebe o beijo, é o ponto em que se encontram as almas: a alma que fecunda e a alma que gera. Sois a força, a reproducção e o repouso, nada, porem, se faz sem o amor, que é a essencia da Fecundidade e a Primavera, vossa irmã e vossa precursora é o amor que desperta, ao som do canto e enlanguece com o aroma, a terra, a noiva immortal que despe o veu branco e friissimo e veste-se de verde e de ouro para a festa magnifica da Eternidade, que é a Vida. A Primavera é a adolescencia, é a manhã suave, é o beijo, é vossa irmã, saudai-a.

E o Estio illuminou-se, reflorio-se o Outono, mais alvo se fez o Inverno e assim os tres irmãos fizeram as pazes com a linda irmã e, desde então nunca mais, por fortuna da terra e gloria dos ceus magnificos, houve rusga entre os quatro filhos de Chronos —a Primavera, o Estio, o Outono e o Inverno, renovadores do mundo e bemfeitores do Homem.

COELHO NETTO.



SANTA BARBARA-MINAS

RUA CONSELHEIRO MARTINS CAMPOS

CASA ONDE NASCEU O DR. AFFONSO PENNA



PRAÇA MUNICIPAL, CASA DA CAMARA E CADEIA

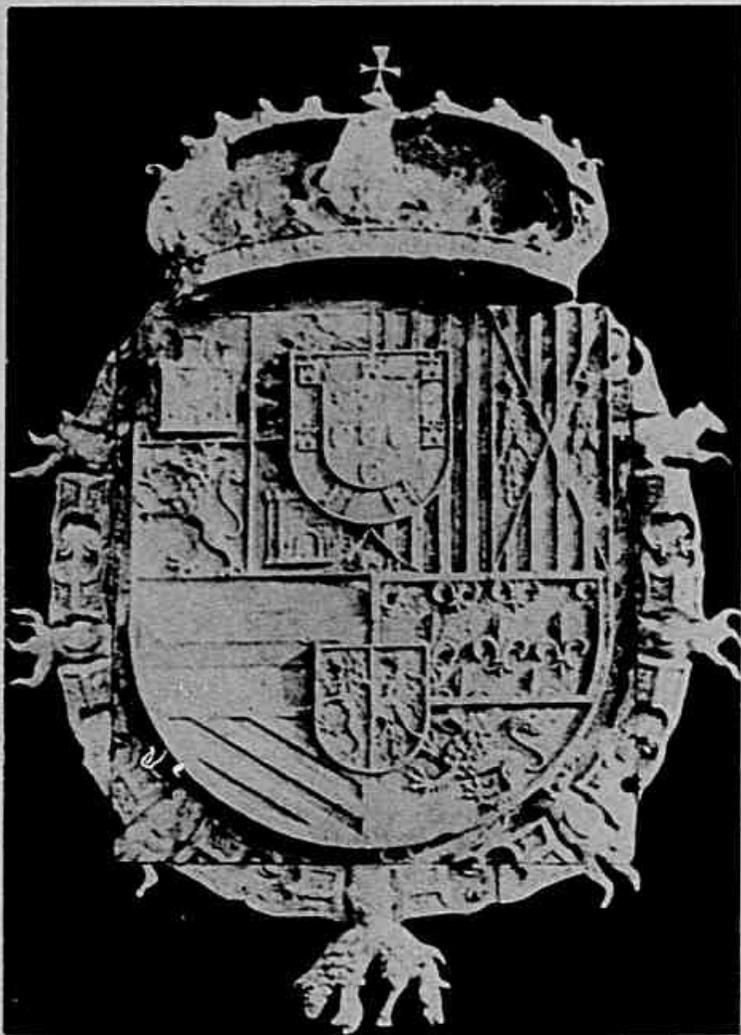
RUA DO ROZARIO

RUA CONSELHEIRO AFFONSO PENNA

A FANTASIA DA SIMPLICIDADE

I

NO dia de Santo Ignacio de Loyola, padroeiro da aldeia, houve uma procissão. Desde as primeiras horas da manhã, o velho sino da igreja, açoitado por todos os ventos de muitos annos, rouquejou no ar azul, e a *calle Mayor* começou a animar-se, principalmente á porta da cathedral, ensombrada por uma parreira e pelo muro do desfeito castello de Carlos-Quinto, tão escarpado e tão pouco agasalhador como as glorias da guerra, — sempre abertas em feridas que sangram. Mais para baixo, um pouco antes da vetusta porta que ostenta as armas heroicas da *cidade*, em frente á *Alcaldia* tambem havia muita animação; os



concejales chegavam, vistosos, na sobrecasaca domingueira de panno fino, chapéo molle, gravata branca de saráo e luvas brancas de pellica, já endurecidas pelas lavagens. Os pescadores, pouco a vontade nas roupas novas, faziam grupos, riam alto, com franqueza como si o riso fosse a expressão mais heroica da sua força. Eram, como todos os vascongados, homens altos e robustos, com rijas cordoveias no pescoço vermelho, queimados pelo sol das

pescarias. Vinham vindo tambem as mulheres, arrastando creanças que abriam muito os olhos, admiradas da festa que perturbava o socego da aldeia.

Mas de repente toda a conversação cessou, os grupos abriram uma roda, e appareceu o pregoeiro do *Ayuntamiento*, de gorra azul, sapatos brancos de corda e um tambor que elle rufou magestosamente ao parar dentro do circulo de respeito que lhe fizeram; e com auctoridade, com importancia, desenrolou um papel, e começou a lêr com voz pausada:

— «En nombre de la Auctoridad... Hago saber...»

Era um bando do Alcalde convocando os habitantes á procissão em honra do Soldado-Santo. E na janella de um segundo andar surgiu nesse momento a figura importante do Alcalde, já vestido de cerimonia, acabando de calçar as luvas, — a parte mais difficil do seu trajo de gala. Um momento gozou a impressão que produzia; depois, acenando amavelmente com a mão:

— Que voy en seguida!

D. Vicente desceu, pulchro e escovado, distribuindo sorrisos e vehementes apertos de mão, querendo saber de Pepe que tal a pescaria, informando-se com carinho da dentição do filho de Pancho, batendo nas costas macissas do velho Juaco, — que todo elle ria na intimidade venturosa d'aquella auctoridade suprema. Puxou o relógio de oiro que só usava nos grandes dias (para não estragar a corda), e relanceou os olhos pelos grupos.

— O Senhor Alcalde procura alguma coisa?

— A força militar; pois já estamos na hora; por mim não, mas o prestito, o clero... Em fim, hein, não me opporei a que se espere um pouco mais.

A *força militar* appareceu; immediatamente o Alcalde mandou formar os tres guardas que a compunham á testa da multidão. Minutos depois, abrindo a marcha, entre duas raparigas muito airosas nos seus chailes de Manilha, D. Vicente ergueu o bastão de mando (uma bengala lisa, com dois furos em cima atravessados por um cordão), e a procissão começou a subir a *calle Mayor*, passou pela igreja, desceu a ladeira de *Miramar* e seguiu em direcção á *Marina*. Seis musicos tocavam uma alegre marcha; e uns rapazotes atiravam os foguetes cujo espocar imitavam com a bocca. O Alcalde, já muito vermelho, reluzia de suor e de importancia; e certamente não trocaria o mando d'aquelle prestito por todos os mandos da Terra...

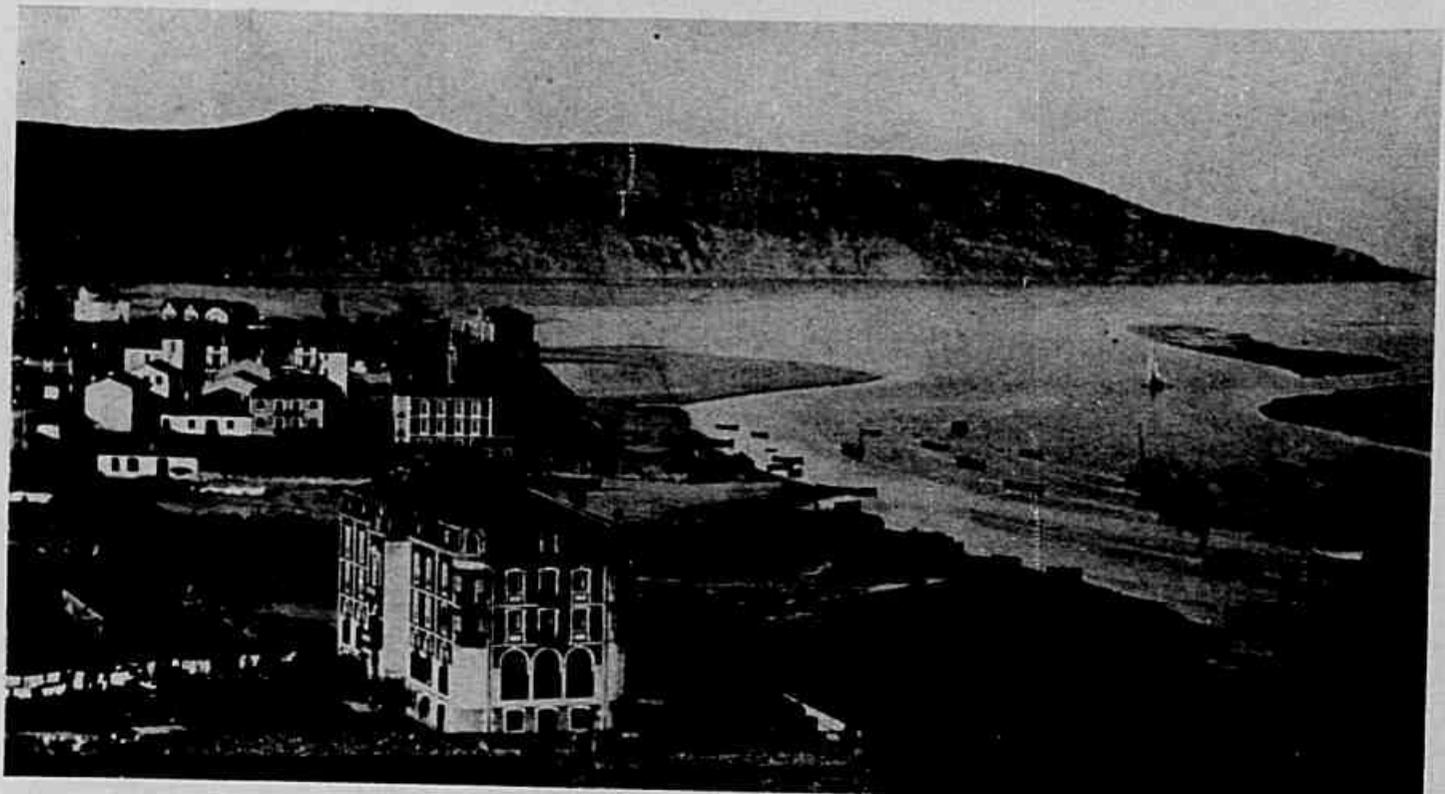
Foi por isso que elle chegou um pouco tarde para o almoço, em casa de uma familia de Cuba, cujos parentes conhecera em Havana, em remotos annos da sua mocidade. A' sua



mesa, todos os Domingos e Dias Santos, durante todo o verão, D. Vicente tinha o seu lugar á direita da dona da casa,—honra que sempre agradecia commovido ao desdobrar o guardanapo branco e cheiroso e ao mirar a luz o copo cheio de *Rioja* doirado. A familia (marido, mulher e filha) e dois convidados, esperavam o Alcalde no terraço, gozando a fresca viração do mar.

II

Era um dia de verão, luminoso e macio; o sol, já em pleno esplendor, traçava espelhos



verdes no mar immenso e no escasso rio, á cujas margens barcos encalhados esperavam a maré; na linha do horizonte subia uma fumaça debil; tres grandes velas abertas approavam á costa; e á sombra do caes, sob o olhar vigilante do guarda-fronteira, um barqueiro, dando alcatrão ao bote, cantava no seu barbaro idioma vasconço:

“ Nere betiko pensamentuba
Nere consalagaronya
Zu gabetanik ezin bizinaiz
Eraten dijut eguya:
Zu bajinãke arbola eta
Ni baldin banit choriya
Zu jinãken lekuban bertan
Eguingo nuke cabiya.”

São versos das canções das noivas, na Biscaya; em linguagem humana, querem dizer: «Oh, meu pensamento de sempre, oh, minha consolação! Sem ti não posso viver! O que te digo é a pura verdade: si tu fosses, uma arvore, e eu um airoso passarinho, no logar em que estivesse, ali eu faria o meu ninho...»

Em frente, com uma côr indecisa de madrugada, refulgindo sob a reverberação do sol, appareciam as terras de Biarritz; para o lado esquerdo, o cabo da Ingrinéa muito escuro avançava para o mar muito claro; a direita n'um curto espaço construido, entre a caliça das casas, o verde e o azul das montanhas e a brancura da praia estendida até a Andarraz, Hendaya preguiçava á luz, como uma grande e alva sereia, toda recoberta de esmeraldas e de saphiras. E de vez em quando, entre o musgo das mattas, subia e se desvanecia o fumo de uma locomotiva, que se entranhara, negra e pesada pela terra a dentro,

como um dragão fugindo ás tentações da sereia...

O relógio tinha dado meia hora depois de uma, quando o Alcalde chegou, desculpando-se da sua demora. Os outros dois convidados eram D. Gil Hernandez, latinista e agente commercial em Beobia, — a dois passos da França, — o que o levava a falar sempre em «interesses mutuos, em deveres internacionaes», e D. Juan Saron, antigo seminarista, ex-candidato conservador a deputado por Guypeycoa, e agora, desde que tivera a carreira clerical cortada pela raiz e a carreira politica ceifada pela espiga, vivendo de saudades e de esperanças.

Estendendo a mão em roda, D. Vicente explicava o seu atrazo:

— Hoje é dia de Santo Ignacio, padroeiro; houve procissão, eu tive de ir. Não me viram? Pois eu ia á frente, abrindo a marcha, antes mesmo do estandarte. Ia de luvas brancas, de gravata branca, de sobrecasaca, com o meu bastão de mando, — em fim, hein, de etiqueta. Tanto que depois fui em casa mudar a roupa... Não me viram? Pois eu dei adeus com a mão, a Hernandez, na *Marina*...

— Perto da Drogaria?

— Justo, ahí mesmo! Eu ia de luvas brancas...

D. Vicente era um homem baixo, forte, com o cabelo já muito grisalho e cortado rente, os olhos miudos e azues, a bocca larga com dentes pequeninos e o rosto marcado de signaes de variola. Sorria constantemente; espalhava-se na sua physionomia um ar de bondade ingenua que encantava. Quando fazia perguntas arrastava desmesuradamente as syllabas finaes. Annuia sempre, approvando com a cabeça, como um examinador complacente que quer proteger ao examinando, e frisava o seu accordo repetindo varias vezes «justo, justamente». Tinha o contrasenso de começar as phrases por um «em fim, hein!» que dava a impressão de estar terminando uma conversa. Era rico; pelo caminho de Guadalupe, para os lados de *alameda*, possuia mais de vinte casinhas, e era accionista da companhia de bondes de Irun.

Tinha um vicio: esquecia as horas nos frontões, e com as horas, alguns pares de *duros*. Era liberal anti-clerical; suppunham-no solteiro, e gozava quasi vitaliciamente as honras de alcalde. Em moço estivera em Cuba; e ha seis mezes fez um anno que esteve pela segunda vez em Bordeaux. Nunca lêra, de certo, *Tartarin*, e de *Don Quixote* possuia apenas uma medalha commemorativa do quarto centenario; mas encarava o heróe da Mancha e o heróe de Tarascon com uma simplicidade genial que elle não percebia. Gostava de ser util, serviçal, pacificador de rixas; apesar de estimado em toda a aldeia tinha a ideia de

ser perseguido por inimigos politicos; julgava que todos os seus passos eram seguidos, todos os seus movimentos commentados; considerava-se uma victima do clericalismo. Estimava que o soubessem importante; quando ia a San Sebastian (o que acontecia muitas vezes) e encontrava o Governador Civil que o saudava (o que acontecia poucas vezes), regressava triumphante, e enquanto esperava o trem, na estação, communicava a um dos seus conhecidos:

— Em fim, hein, ainda chego a tempo de alcançar o trem! Pois eu estava muito calmo no frontão (recostara-se sobre a bengala) quando vi as horas (tirava o relógio de prata do bolso), e dei por mim (punha as mãos na cabeça): Jesus, que vou perder o trem! tive de tomar um carro...

Fazia uma pausa, acrescentava com indolencia:

— Encontrei o Governador Civil que me saudou...

Na Alcadia não havia nada que fazer; mas D. Vicente nunca deixava de lá ir, todos os dias, das nove as onze. Dormia, mas não arredava do seu posto, receioso de que viesse um telegramma do Governador Civil. O dia mais feliz de sua vida foi quando falou com o Rei, «em character official».

Ao sentar-se á mesa, ao verificar que lhe conservavam o lugar de honra, não obstante estar presente um homem que quasi fôra membro do Corpo Legislativo, o semblante do Alcalde illuminou-se de jubilo e de um inoffensivo, acanhado orgulho.

O almoço foi alegre, começando por ovos com linguça, promessa de manjares ainda mais exquisitos, o que deu azo a D. Gil de collocar a sua primeira phrase latina:

— «Ab uno disce omnes».

D. Juan Saron, desde que deixara o seminario, fazia honra a todas as mezas, procurando vingar-se do bacalhão mofado dos tempos em que era candidato a Bispo e tentando esquecer-se dos tempos em que era pretendente a Deputado. E D. Vicente, á direita da dona da casa, sorria com os olhos humidos de reconhecimento.

Essa familia de Cuba, Mendoza de la Torre, vivia em Madrid desde o tempo da ultima guerra, com um rendimento annual de oitenta mil pesetas que chegava para as carruagens, para os automoveis, assignatura no *Real* e no *Español*, tres bailes no inverno, no rico palacete da *calle Velazquez* e o verão na França e na Hespanha. O chefe da casa, D. Esteban, homem forte de uns cincoenta annos, amigo da bôa mesa, pouco sahia, em pouco tinha que cuidar, preso por gosto ao seu gabinete onde se occupava de sellos e fumava charutos

que lhe lembravam a pátria ausente. Sua senhora, Izabel, por ter nascido sob o mesmo santo que a Infanta, tia do Rei, muito pouco parava em Madrid, sempre em companhia da filha, jornadeando na Suíça e na Itália, e casa posta em Paris, na rua Rembrandt, ao lado do *Parc Monceau*. E a filha, Cacilda, era uma menina de dezoito annos, morena, tímida e ainda sem ideias de casamento, talvez por saber que com o dote não havia pressa de mudar de estado.

D. Izabel lamentou que justamente no verão fosse prohibida a pesca de salmões; mas teve de dar atenção ao Alcalde, que ainda a proposito de Santo Ignacio, dizia o programma da noite:

—Pois a festa continua; haverá baile na *Marina*, á noite, e vem a banda de musica de Irun. E tambem ha os saltimbancos, com o burro sabio.

E indagou para os lados com sollicitude:

—Nunca viram o burro sabio? Em fim, hein, não direi que seja uma cousa como em Paris, mas em todo caso é muito interessante:

Depois, num tom mysterioso:

—Eu não sei, não quero acreditar, mas por ahí dizem que por intrigas do Clero, um anarchista vae atirar-me uma bomba ..

O Clero a que se referia o alcalde era composto do Vigario, do Parocho e de um padre francez que chegara de Saint Jean-de-Luz. Por amabilidade todo o mundo o serenou.—Que ideia! Pois tão estimado, tão querido, tão popular!—E porque uma bomba?

D. Vicente encolheu os hombros resignadamente:

—Eu tenho inimigos; depois a minha posição... Emfim, hein, não estou com medo! E até é uma honra para mim que me façam *collega* do Rei!...

Lá fora, o barqueiro cantava na sua voz doçente:

«Maite nazula diyozu
Nik ere maite zaitut zu
Dyozeu bezin maite banazu
Elisas artu nazazu
Elisas artu nazazu eta
Gero zuria naukazu

«Tu dizes que me amas; eu tambem te quero; si tu me amas tanto quanto dizes, recebe-me com a benção da igreja, e ter-me-ás assim sempre tua!»

O Alcalde serviu-se vastamente de gallinha assada, e um momento comeu em silencio, pensando na conspiração que se tramava contra a sua vida.

Sabendo-se no pinaculo das dignidades sociais, julgava-se D. Vicente constantemente ameaçado na sua pessoa e na sua fazenda. Apprehensivo com o movimento socialista, fazia voltas largas, á noite, na rua, usava sapatos de corda, sem ruido, para surprehender conciliabulos e sondava a treva deserta com os olhos miudos e azues. O que mais, porém, parecia contrarial-o era a certeza da sua importancia. Acreditava que não podia dar um passo sem que todo o mundo o soubesse:

—Já se sabe em toda a parte que hoje estou aqui almoçando; e palavra, que tenho desgosto! Em fim, hein, seria tão bom andar por ahí sem ser visto, passar despercebido como os outros, como o resto da Humanidade... Ainda ante-hontem em San Sebastian, ao sahir do frontão encontrei o Governador Civil que me cumprimentou!

E voltando-se para D. Esteban:

—Aprecia?

—Quem, o Governador Civil?

Não, o frontão.

—Sim, é bonito; mas nunca vou; tenho medo que uma das pelotas me cáia em cima...

Pois o Alcalde que não as temia, ia de vez em quando ao frontão, por signal que na ultima vez que lá fôra perdera quinze *duros*.

—Succede-lhe isso frequentes vezes?

—Sim, perco mais do que ganho.

D. Izabel julgou do seu dever suavisar esse desastre constante nas finanças do Alcalde:

—Ha de ter a compensação; bem sabe que infeliz no jogo...

D. Vicente escolheu cuidadosamente a sua costelleta de carneiro, e fazendo-se escarlata,—o que mais avivou as suas marcas de variola:

—Peior do que no jogo; profundamente infeliz!

—Então, tem tido muitos amores?

D. Gil respondeu pelo Alcalde:

—Naturalmente: Lá dizia Horacio: «bis repetita placent».

E D. Juan Sarón que durante todo o almoço só se occupava em afogar as magoas nos molhos ricos, murmurou, parodiando Hamlet:

—Mulheres, mulheres, mulheres ..

Ante essas evocações de amor, a menina Cacilda baixou pudicamente os olhos sobre o prato e preparava cuidadosamente o ouvido.

O Alcalde, lealmente confessou que só tivera uma aventura, mas que esta foi bastante para afastal-o de todas as outras.—Seria por isto, disseram.

—Quem teima vence.

—A perseverança é a fortuna.

—Abyssus abyssum invocat...

—Mas é solteiro, não é?

D. Vicente hesitou; depois, cruzando o taller com um modo resoluto, e como si fosse para sempre:

—Si eu lhes contar a minha historia, resulta que não sou nem solteiro, nem casado, nem viuvo.

Ninguem respondeu, pois todos notaram que o Alcalde ficára triste e sério. Mas elle, como já levado por uma grande força, começou, no meio do silencio:

—Eu tinha vinte e cinco annos quando cheguei a Cuba. Nesse tempo eu era um rapaz guapo, e como a minha fortuna augmentava, podia apparecer com certo luxo. Em Havana fiz logo relações, pois a minha commissão régia ia deante de mim abrindo as portas. No primeiro anno não pude sahir da capital, atarefado com os negocios, pondo varios assumptos em ordem. Mas no anno seguinte accitei um convite para passar uma temporada n'um engenho. Ahí eram caçadas, passeios a cavallo, longas excursões, em fim, hein, toda sorte de divertimentos. Eu mal podia reparar nas pessoas que me cercavam... — Não obrigado.

D. Vicente recusou o dôce que o criado lhe offerecia, e continuou:

—Mas uma certa manhan em que me não pude levantar por enfermo, reparei que quem me trazia o chocolate ao quarto era uma rapariga morena e muito bonita. Como pretexto de conversa pedi que puzesse um pouco d'agoa no chocolate por eu estar com o estomago debilitado; perguntei-lhe o nome. Ella respondeu com uma voz muito macia:—Brigida servidora. O escudeiro interrompeu outra vez a narração de D. Vicente, offerecendo-lhe queijo. O Alcalde accitou; mas prevendo uma terceira irreverencia, previniu-o logo de que não queria fructas.

—Não quer fructas? — acudiu D. Izabel, lembrando-se, antes de tudo, de que era dona da casa.

—Obrigado; depois do queijo só café. — Pois, como ia dizendo:—a rapariga respondeu que se chamava Brigida, e sahiu. No dia seguinte tive febre; e durante duas semanas, a Brigida foi minha enfermeira dedicada. Quando me puz bom, quiz pagar com algum proveito para ella o carinho que tivera para commigo: metti a mão no bolso e offereci-lhe cem psetas. Mas qual não foi a minha surpresa ao vêr que a rapariga recusava o presente, muito vermelha, muito acanhada; por fim, sem poder conter-se, levou o avental aos olhos, e sahiu do quarto debulhada em lagrimas. Eu, até então, estava habituado a pagar tudo com dinheiro; quando cahi em mim senti uma immensa vergonha da minha brutalidade. No meu quarto, em cima da mesa, havia umas

lindas rosas dentro de um jarro; colhi a mais bonita, e a offereci a Brigida, com uma palavra amavel. Ella accitou timidamente a rosa, — mas desta vez sorrindo. Desde então, onde quer que eu estivesse, lembrava-me sempre de Brigida, com um carinho que não era de irmão, com um respeito que não era de namorado...

D. Vicente provou o café, pediu mais assucar e accendeu o charuto. Cacilda remexia interminavelmente a sua chicara de chá; e lá fóra o barqueiro dizia que sem que a amada percebesse, elle olhou primeiro os seus pés, depois a cintura; e verificou que ella possuia uns pés pequenos e bonitos, de muita elegancia, e que na sua cintura uma vara de fita daria duas voltas:

“Zedorrek nste etzenduela
Egonizaizum beguira
Lendabiziko onetarata
Urrenabetriz beguira :
Oñak dituzu ehiki politak
Gustagarriyak ehit dirá
Guerruyak berriz emam literke
Kanabat zintas bi prá.”

Quando D. Vicente, depois de umas phrases veladas, retomou a narração, estava no ponto em que já uma creança agitara os bracinhos dentro de um berço pobre. Brigida era um anjo tutelar; e vendo o filho crescer, admirando a terra sempre fertil, Vicente julgou-se um homem verdadeiramente feliz, — até que sem esperar foi chamado a Hespanha pelo Governo.

—Ao principio não tive coragem de contar a Brigida; mas vão lá enganar as mulheres... Quando ella soube atirou-se a meus pés, supplicando que a trouxesse como escrava, mas que não a abandonasse. Fiz-lhe ver que não pretendia voltar nunca mais a Cuba, que a Europa era muito longe, que ella não conhecia ninguem, que ia extranhar... A nada accedeu, e jurou que se mataria si eu não a trouxesse commigo. Para encurtar razões; ella veiu commigo e com o filho; e como eu não podia vêr aquelle menino que tinha o meu sangue, que crescia e se desenvolvia á minha sombra, mas que não podia ter o meu nome, — casei. Ao fim de seis mezes, porém, ella quiz voltar para Cuba; procurei dissuadil-a com bons modos; ella insistiu com máos modos. Por fim, era tal a sua magoa, era tal o meu soffrimento que accedi, fil-a embarcar em Bordeaux com uma familia conhecida, e fiquei com o menino, o Fernando. Aqui começa a minha desgraça: logo a bordo ella se enredou em amores com um antigo camarada meu, tenente de infantaria... Nunca mais a vi; sei que é viva, que tem muitos filhos... Já lá vão

quinze annos; o Fernando que está no collegio em Pau pensa que a mãe morreu. Todos os annos vem passar as férias commigo, e é muito bom rapaz. E aqui estou, sem poder ser feliz,—porque não sou nem solteiro, nem casado, nem viuvo...

Fez-se um silencio discreto e commovido; só D. Gil julgou a proposito um dos seus ditos latinos:

—Summum jus, summa injuria.

E no silencio que novamente se fez, o barqueiro ergueu a sua voz dolente:

“Audik urrena erreparua
Ipiñi uizun pechura
Ordubat bai emanizula
Aingerubaten ichura
Hangoicoak berak
Deitu izan balit
Igonedilla zernra
Zure ondatik ara juanbiarak
Ensango ziran tristura.”

«Em seguida puz minha attenção em teu peito; então sim, espreitei-te a figura de um anjo! E si o proprio Deus, n'aquelle momento, me chamasse aos Céos,—ao partir de teu lado para tão formosa mansão, encher-me-ia de uma immensa tristeza!»

O Alcalde teve um riso de leve ironia, ao ouvir esses ultimos versos da canção vasconça...



III

A' noite houve os saltibancos com o burro sabio, e na Marina realisou-se o baile ao ar livre, no terreiro. Os pescadores e as raparigas dançaram o *agarrado* e a *jota aragoneza*, —a primeira com o seu quebranto voluptuoso do *maxixe*, a segunda com a vivacidade salti-

tante de uma *tarantella*. Abrigado sob a sombra de uma arvore, de gorra azul, sapatos brancos de corda e uma bengala dos Pyreneus, com um ferrão em vez de biqueira, o Alcalde fumava um cigarro, fazendo pala com os dedos—para que não vissem o fogo. D. Esteban approximou-se, e D. Vicente procurou afastal-o do *perigo*:

—Por Deus, D. Esteban, vá-se embora!

O outro extranhou o mysterio:

—Homem, porquê?

—Pois não vê que se compromette aqui a meu lado?... Emfim, hein, não digo que seja verdade; mas corre por ahi que me querem assassinar...

—Que ideia! Deixe-se d'isso, homem! Venha d'ahi commigo, dar uma volta...

Mas D. Vicente não arredava; queria por seus proprios olhos verificar a *conspiração* para dar-lhe o golpe de morte... No fundo da sua consciencia alguma coisa lhe dizia que o *crime* provinha de uma *societa scelleris*, —uma vasta serpente com a cabeça em Madrid e a cauda em Barcelona...

D. Esteban chasqueou:

—Dir-se-ia que está com medo...

Tão injusta supposição feriu o Alcalde.—Medo, elle, que já viera de Renteria a pé, de noite e sem armas?

—Pois vae vêr que não temo a *morte*!

E sem querer ser acompanhado, accendeu um charuto, puxou ostensivamente o lume deixou a sombra da arvore, e seguiu para a claridade dos focos electricos,—para o baile, para a multidão, para o abysmo. Mal, porém, deu dois passos, foi visto, foi reconhecido:

—Senhor Alcalde, Senhor Alcalde!

—Aqui tem uma cadeira!

—Tome um copo de vinho!

—Viva D. Vicente!

—Viva!!!

Muito tempo, na calma da noite de verão, o Alcalde

contemplou a festa; mas alongando olhos pelo mar, pelas costas de França, procurava vêr surgir a *conspiração*,—a vingança do Clero que contra elle se preparava em Roma...

Ao recolher á casa, na deserta *calle Mayor*, julgou vêr um vulto que se movia na sombra. A sua casa era lá muito em baixo, perto da arruinada porta da cidadella, mesmo á esquina do *Paseo de la Muralla*. Destemida-

mente avançou para o vulto:—era o guarda da Alcaidia que esperava o Alcalde, tímido, esfregando as mãos, para communicar-lhe que havia mais um habitante sob a sua auctoridade, e que a mulher e elle desejavam que D. Vicente fosse o padrinho da creança,—si não fazia duvida...

—Ora esta, com muito gosto... E' menino?

—Sim senhor, com a graça de Deus!

—Pois ha de se chamar Fernando, serve?

—Ora esta, senhor Alcalde; é nome até bom de mais para um filho de gente pobre...

D. Vicente metteu na mão do guarda um bilhete de cinco duros, e dando uma palmada carinhosa nas costas do compadre:

—Pues vaya usted con Diós!

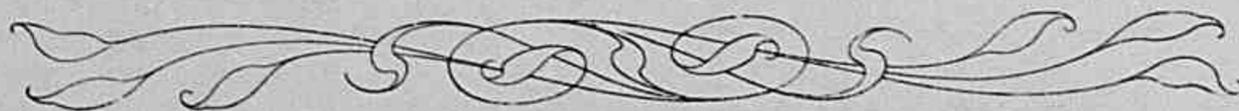
—Y se quede usted con la Virgen, señor Alcalde!

No dia seguinte, D. Vicente Ruiz y Pereda escreveu para Bayona, a uma casa commercial, encommendando um enxoval completo de recém-nascido; e juntamente entrou em negociações para adquirir um collete de malha que defendesse o seu corpo dos assaltos nocturnos e do punhal dos anarchistas. Uma semana mais tarde chegou o enxoval do afilhado; mas o preço que pede o armeiro pelo collete de malha é tão exaggerado que D. Vicente acha que por tal preço a vida fica muito cara, e que é melhor confial-a a Deus, e assim ir vivendo,—sob o sol que faz amadurecer os trigos, sob as estrellas e o luar da noite que povoam as ruas de fantasmas innocentes...



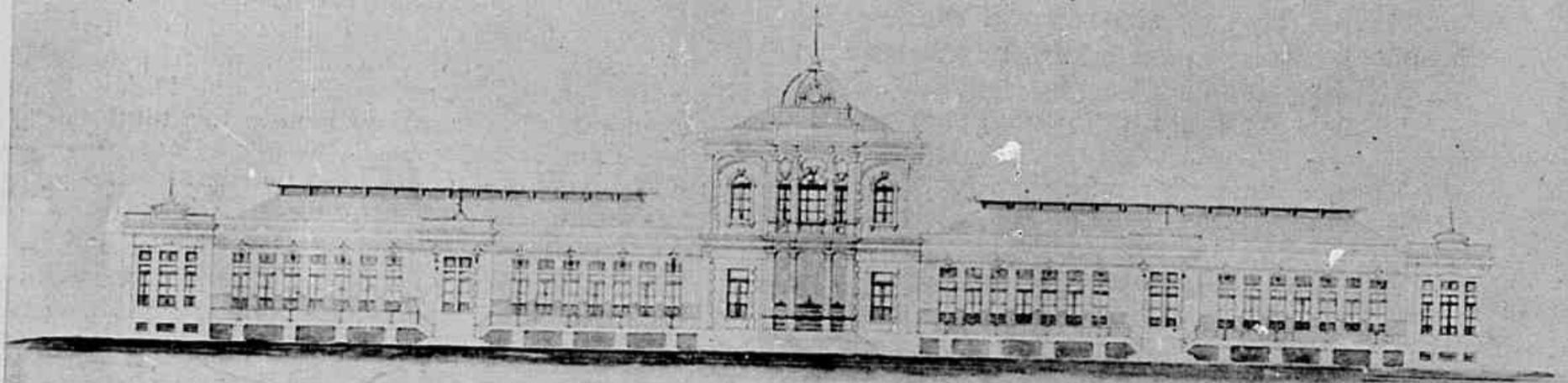
Fuenterrabia — Agosto — 1906.

THOMAZ LOPES.



PROJECTO

HOSPITAL PARA TUBERCULOSOS



O quadriennio presidencial deixava um espolio opulento. Já noutro numero mostrámos de que grandes serviços se podia orgulhar o Ministerio do Interior. A obra de saneamento, o expurgo da Cidade é de uma benemerencia tal que entrará nos fastos gloriosos da Republica. Faltava muito, porém, no ramo da Assistencia. O que se tinha feito era como parcelas, ainda longe de attingir á somma visada.

O Dr. Felix Gaspar, assumindo a gestão da pasta do Interior, concebeu a idéa de amparar os tuberculosos. Os tuberculosos! O grande bando sinistro que engrossa as fileiras da Morte!

A tuberculose é a mais devastadora epidemia que mina e consome uma população. E' de um contagio funesto, e de uma tenacidade cruel. Dar-lhe combate, proteger as suas victimas, constitue alto serviço humanitario.

Sucedendo ao Dr. Seabra que muito fizera, o Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida re-

solveu fundar um hospital para tuberculosos «onde pudessem receber com o maximo proveito e possivel efficacia os cuidados medicos, e onde não pudessem lesar a 'communidade pelo perigo da infecção».

Nada havia, talvez, neste momento mais necessario do que isso. O vasto hospital da Misericordia não pode, não deve continuar a receber os infelizes cujo pulmão se dissolve, porque não dispõe de ambiente favoravel á cura, e porque expõe muitas centenas de outros enfermos a contrahir o mesmo mal. O sanatorio especial para tuberculosos honra uma administração, é beneficio para a humanidade, e documenta os principios generosos da civilização brasileira.

Estas palavras nos acodem a proposito da gravura que acima estampamos. Rio de Janeiro vai ter, enfim, um sanatorio para os infelizes que a tuberculose subjuga.

A esperança de cura ja tem seu phanal.



A Excursão do Presidente Eleito

MARANHÃO



BUSTO DE MANOEL ODORICO MENDES



DR. AFFONSO PENNA E DR. BENEDICTO LEITE



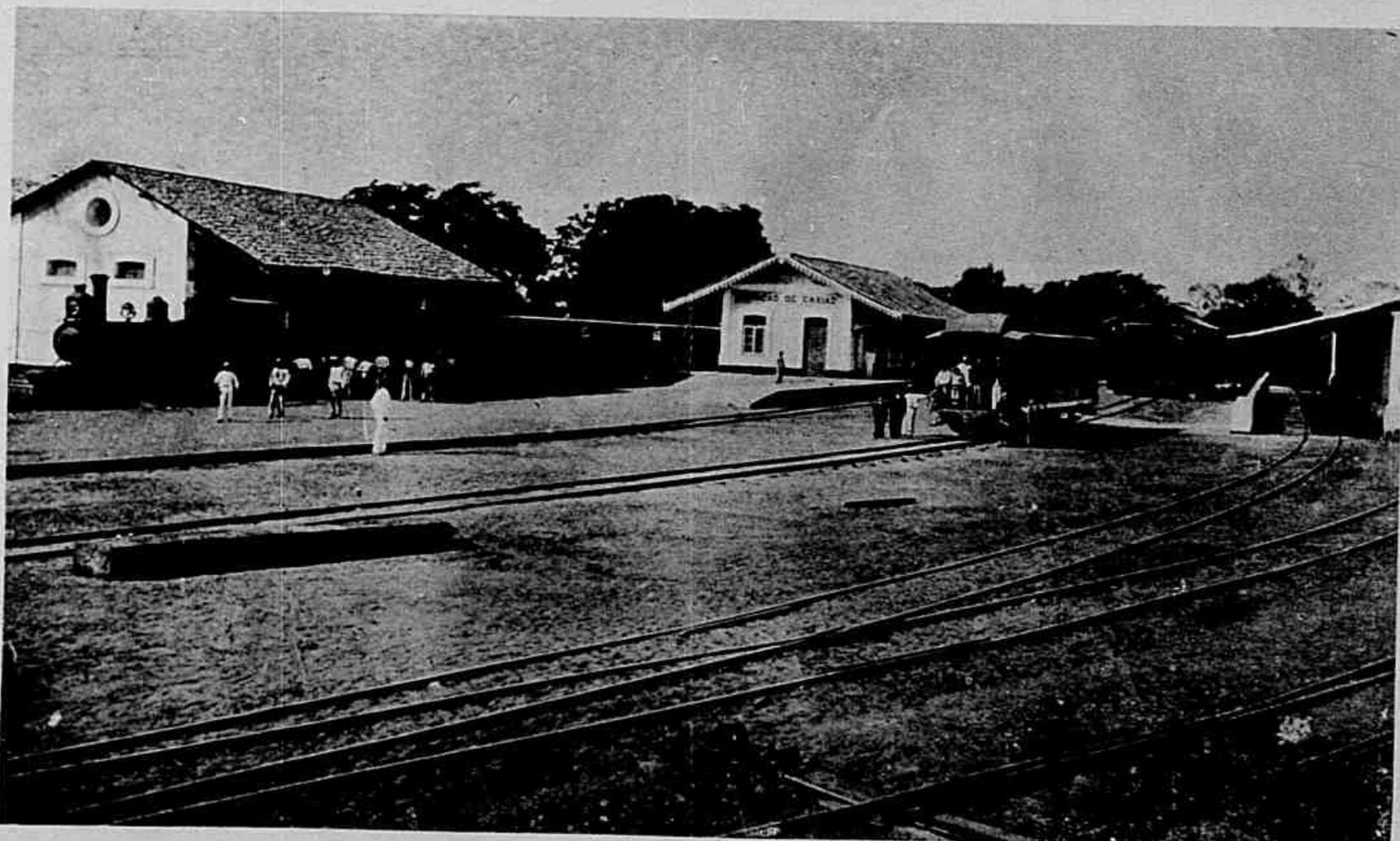
AVENIDA MARANHENSE



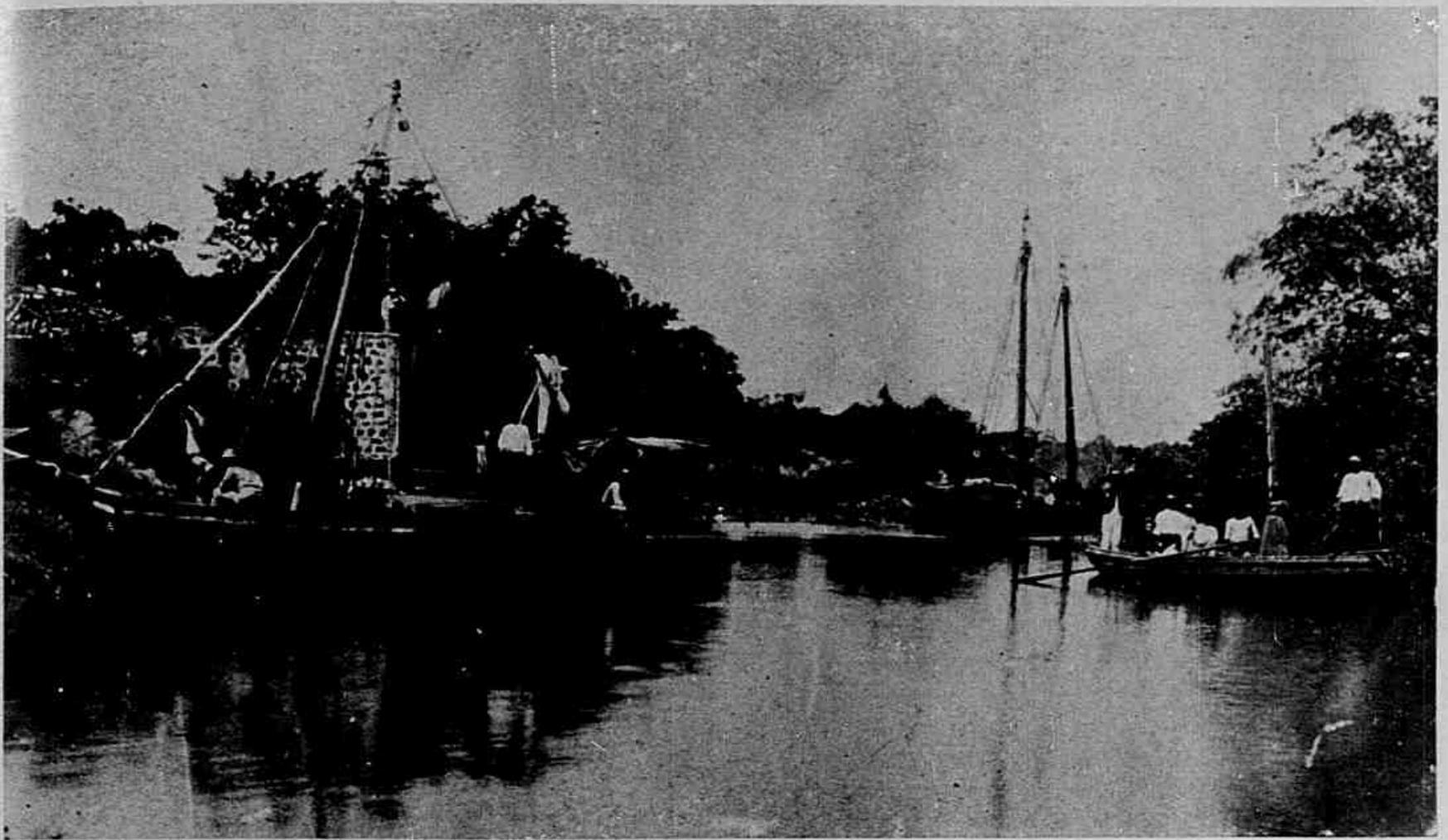
ESTATUA DE GONÇALVES DIAS—PRAÇA DOS REMEDIOS



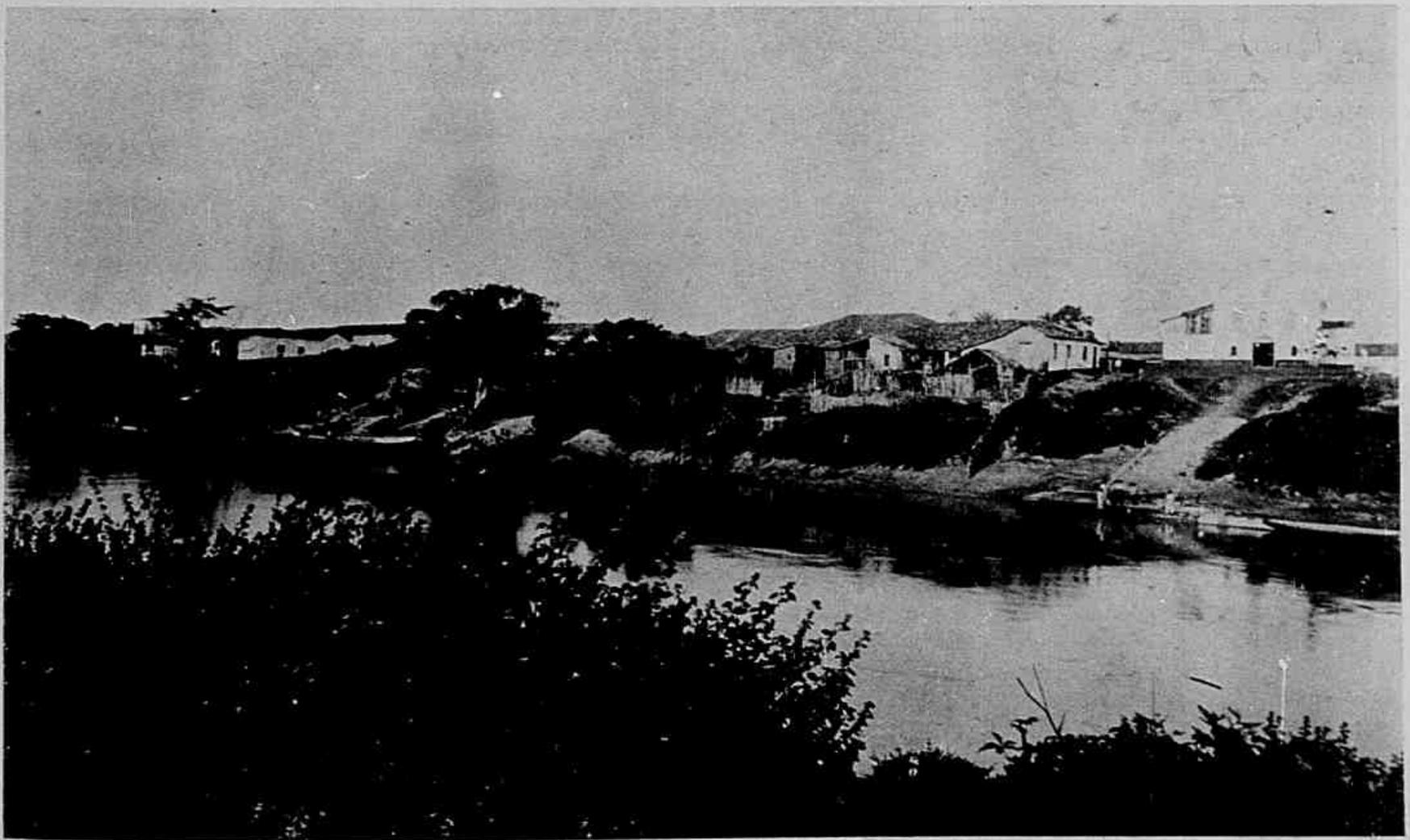
RONCADOR — CAXIAS — MARANHÃO



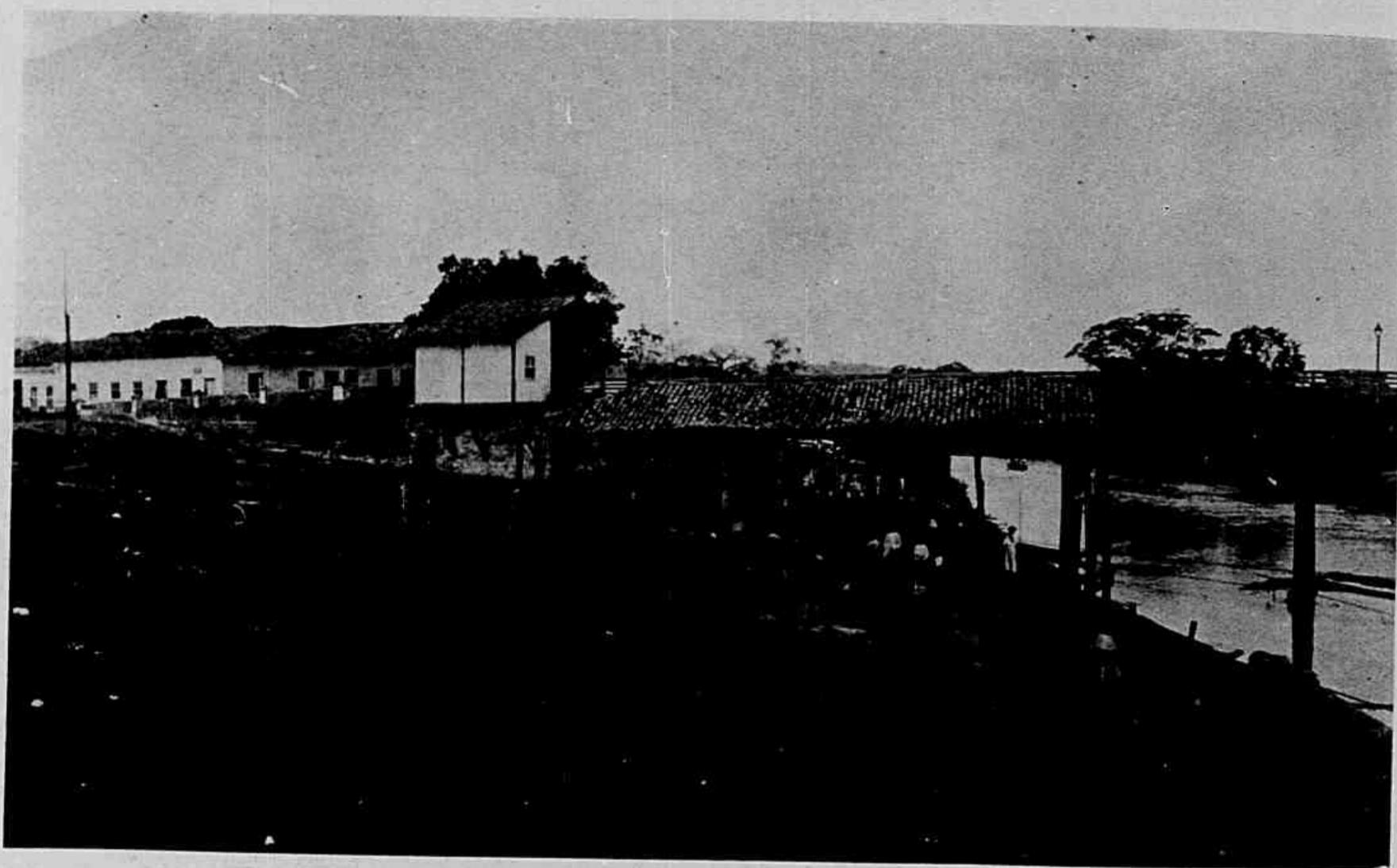
ESTAÇÃO DE CAXIAS — MARANHÃO



PORTO DO ANIL — S. LUIZ — MARANHÃO



CODÓ — MARANHÃO



PONTE E PORTO DE DESEMBARQUE EM CAXIAS — MARANHÃO

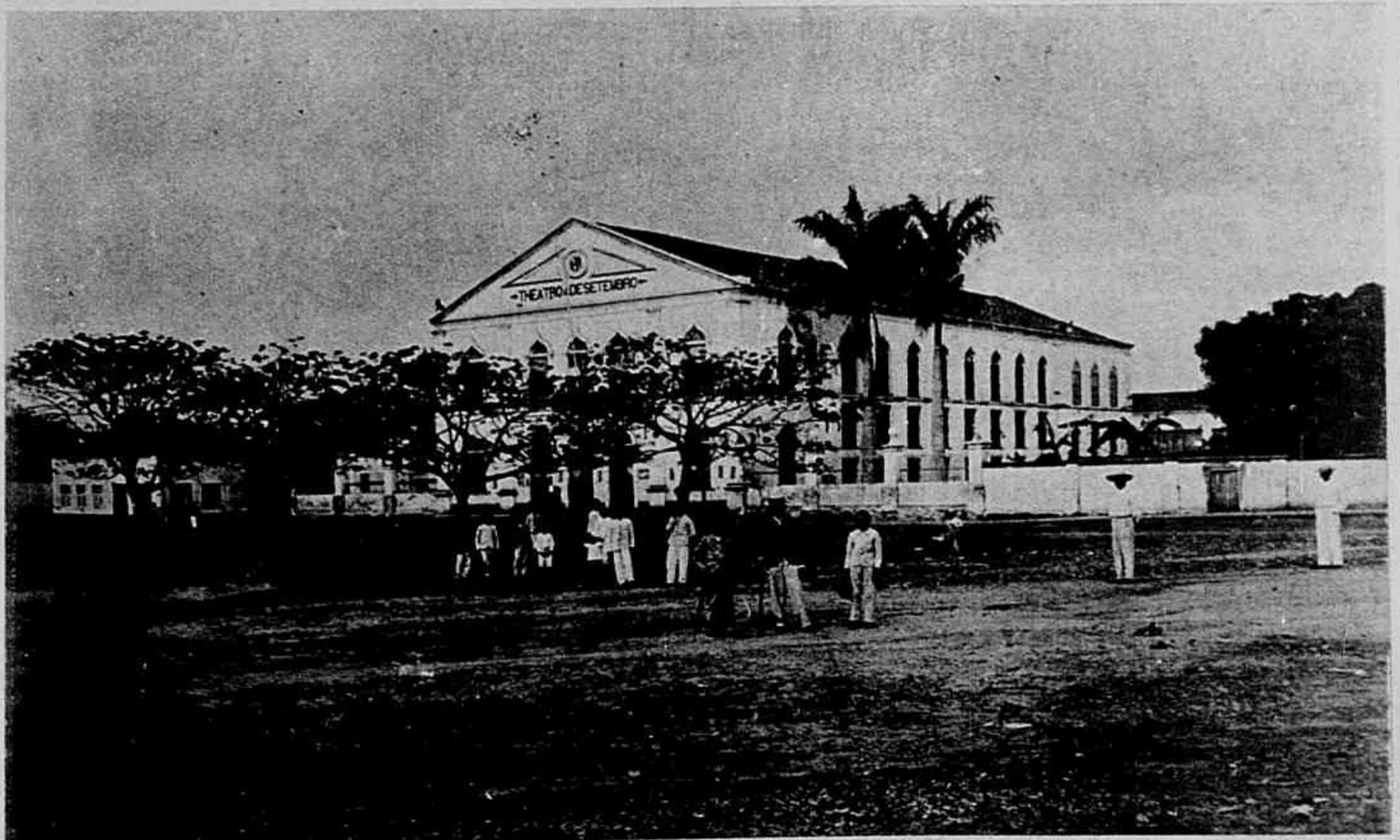


FLORES — PASSAGEM DO MARANHÃO PARA O PIAUHY

PIAUHY

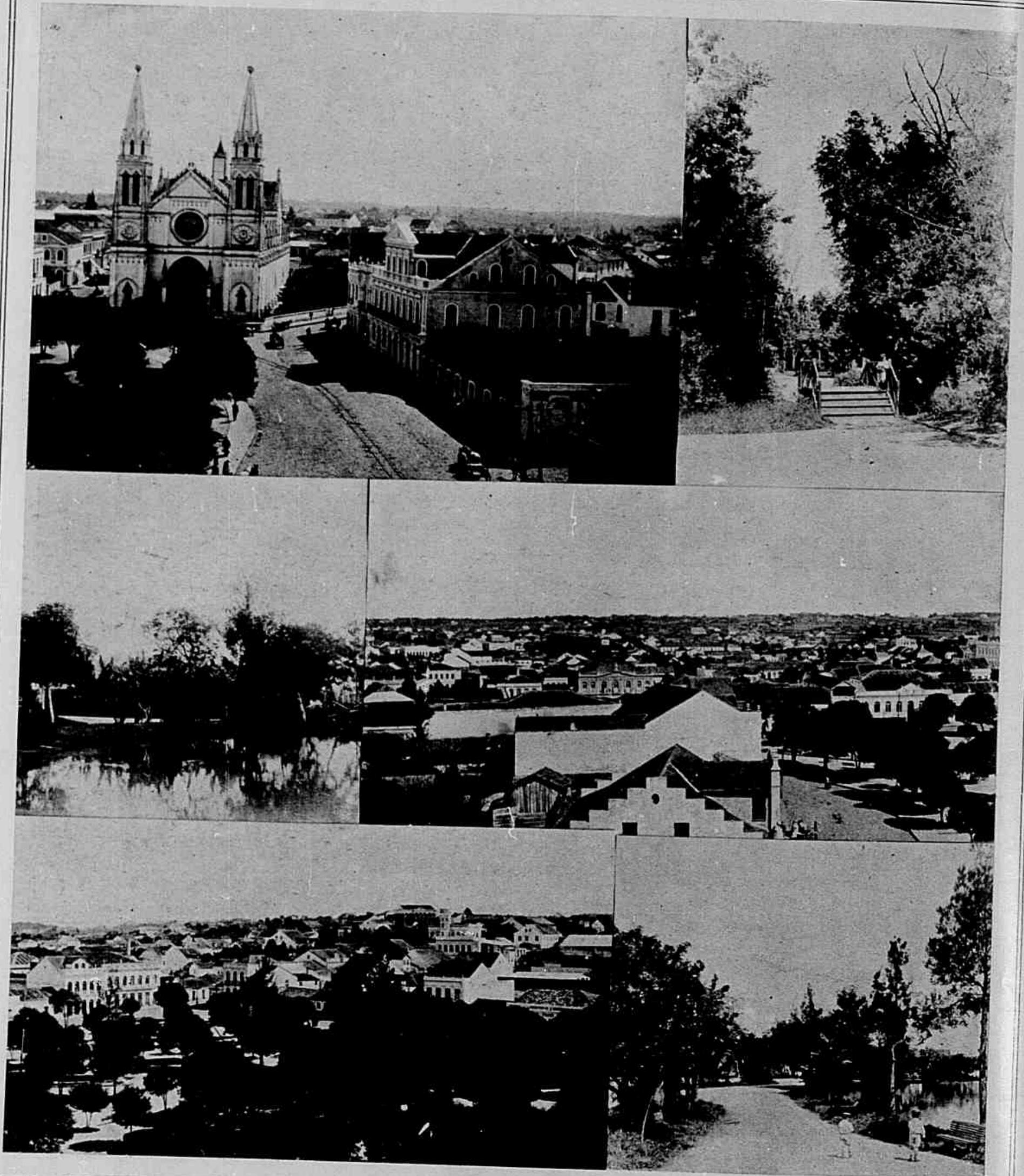


EGREJA DE S. BENEDICTO — AVENIDA FREI SERAFIM

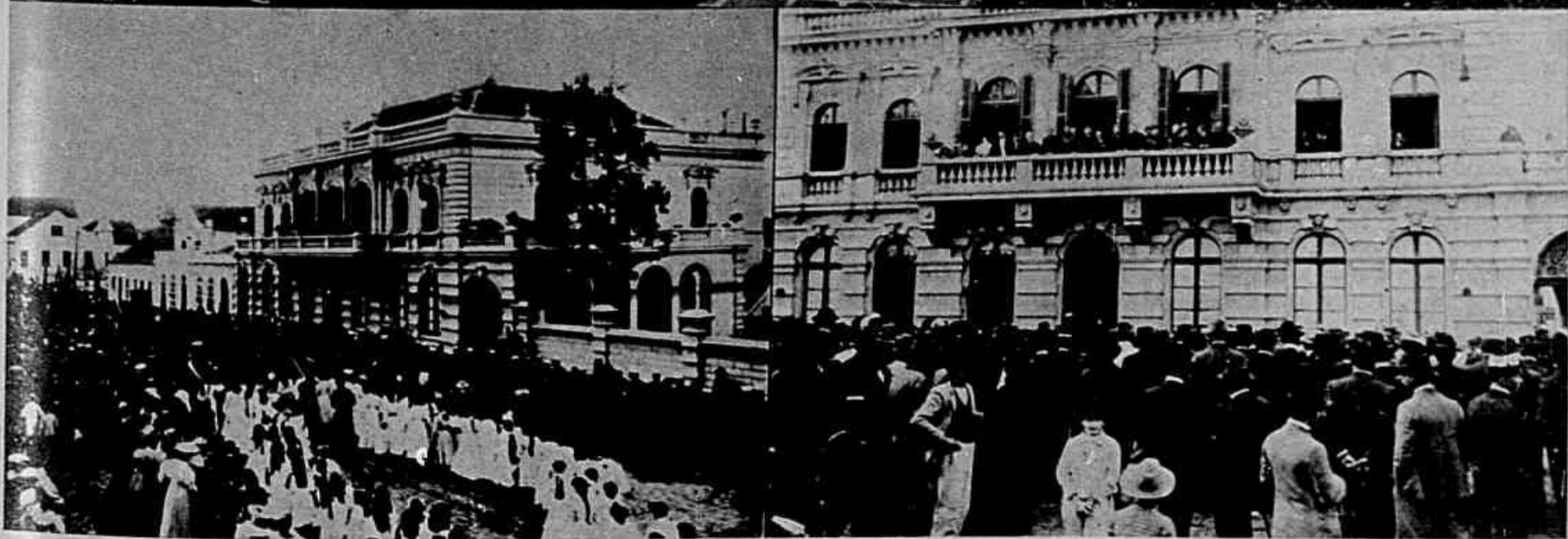


PRAÇA AQUIDABAN — THEATRO 4 DE SETEMBRO

ESTADO DO PARANÁ



ASPECTOS DE CURITYBA

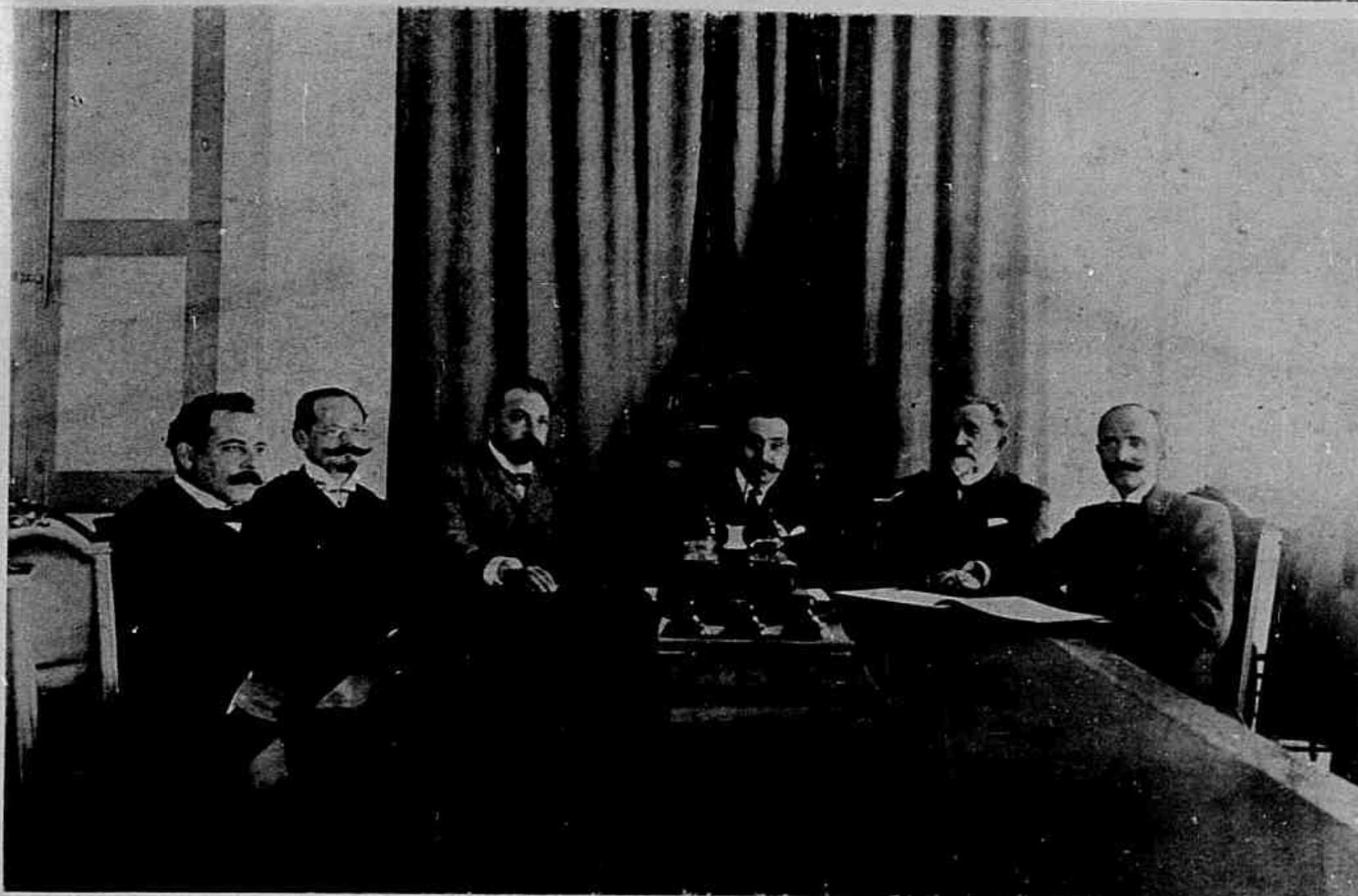


RECEPÇÃO DO DR. AFFONSO PENNA, EM CURITYBA
NO CENTRO, O PALACETE ERMELINO DE LEÃO JUNIOR, ONDE SE HOSPEDOU O PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA

RIO GRANDE DO SUL



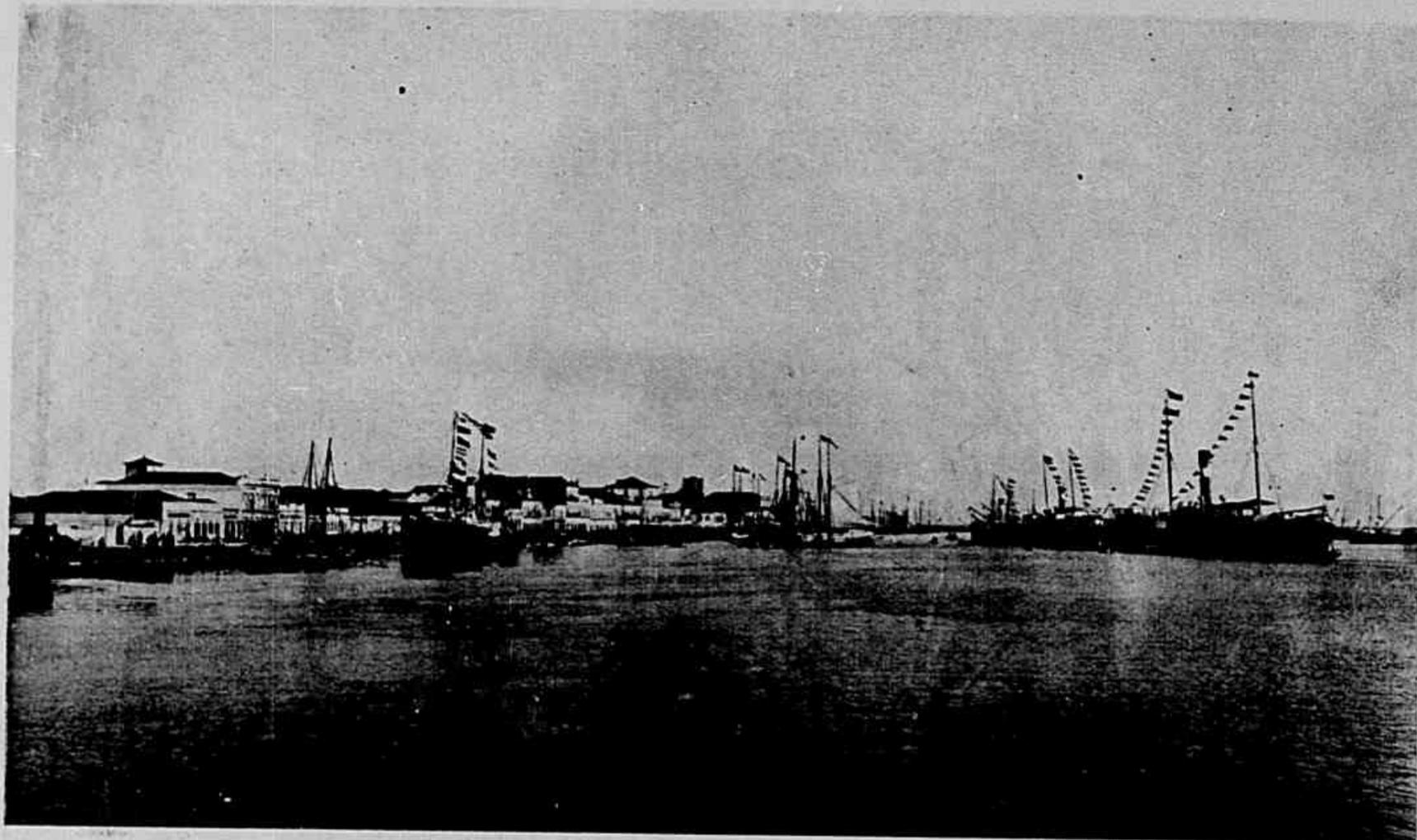
CHEGADA DO DR. AFFONSO PENNA A PORTO ALEGRE



CIDADE DO RIO GRANDE — OS PROMOTORES DAS FESTAS AO DR. AFFONSO PENNA



RIO GRANDE DO SUL — TRIPULANTES DA CANOA «FLORENTINA»,
VENCEDORA DA REGATA EM HONRA DO DR. AFFONSO PENNA, EFFECTUADA EM PORTO ALEGRE



CIDADE DO RIO GRANDE — ASPECTOS DO PORTO



CIDADE DO RIO GRANDE
O CONSELHEIRO AFFONSO PENNA, EMBARCANDO NO CÃES DA RUA RIACHUELO PARA BORDO DO «FLORIANOPOLIS»



EDIFICIO DA INTENDENCIA, NO DIA DA CHEGADA DO DR. AFFONSO PENNA



QUARTEL GENERAL, ONDE HOSPEDOU-SE O PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA

UM CRIME EMPOLGANTE

AS tarifas! A pauta aduaneira! Eis a geratriz maxima do grande crime da rua da Carioca.

A ganancia do Fisco, as exigencias do Fisco, essa voraz e infatigavel ascensão de taxas nos impostos de importação, geraram os contrabandistas. O Fisco sahio ludibriado, e o Crime ganhou proselytos. O contrabando é hoje instituição universal.

Jacob Fuoco poz muitas vezes a corôa da victoria em lides contrabandistas. Ha muitas fórmias de contrabando... Desde que se favorece um commercio contrario ás leis do paiz

De vez em quando a Policia, tambem, ia lá descobrir joias reclamadas pelas victimas de ladrões.

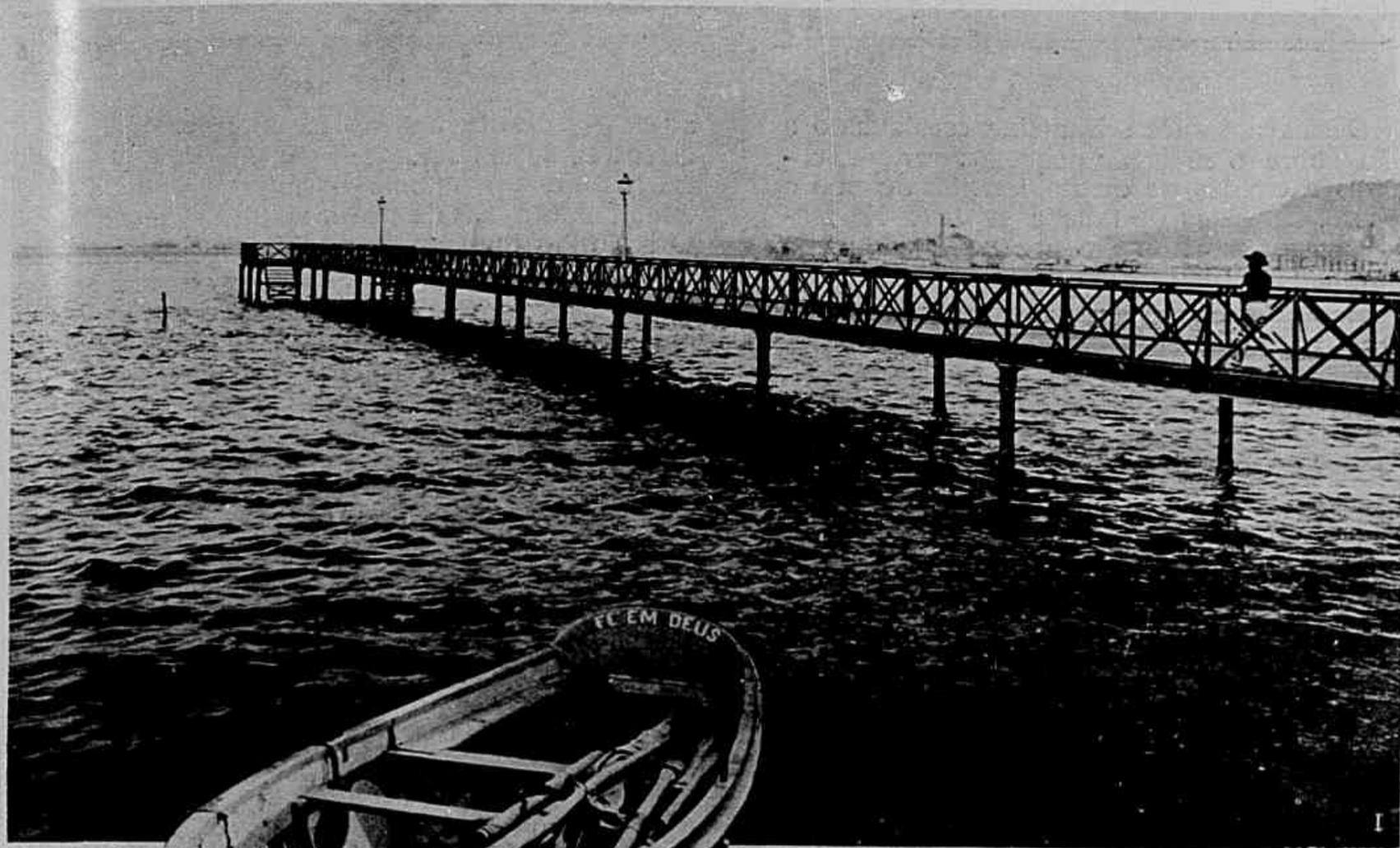
Carlo Fuoco sabia disso. A sua aprendizagem enveredava por esse caminho dos grandes lucros. Ia vendo como se negociava com essa gente; ia habituando a vista no exame do ouro, na avaliação das pedras, e formando o character no tracto com os criminosos sombrios. Observava attentamente o exemplo do tio, que lhes falava com autoridade, sem desprezo, e lhes offerecia, summariamente, quantias miseraveis por aquillo que elles tinham pressa de abandonar.



I-COMO FOI ENCONTRADO PAULINO NA RUA DA CARIOCA. II-PAULINO FUOCO NO NECROTERIO. III-CARLO FUOCO NO NECROTERIO

está se contrabandeando. Jacob Fuoco costumava comprar roubos,—como tantos outros vendedores de ouro, aliaz. A generalidade, porém, não descaracteriza o feito. A verdade é que ladrões de mar e ladrões de terra procuravam-lhe a joalheria.

Esses homens eram o caminho da Fortuna. Podiam ser mãos, mas a sua maldade não se manifestava ali; era lá para fóra, onde praticavam o crime. Ali apresentavam-se, submissos, trocando o corpo de delicto por moeda circulante, o mais depressa possivel.



1, PONTE DA EGREJINHA, EM SÃO CHRISTOVAM, ONDE SALTARAM OS ASSASSINOS
2, O BOTE «FÉ EM DEUS»—3, PONTA DO CAJÚ E ILHA DOS FERREIROS,
ONDE FOI PERPETRADO O CRIME—4, PONTE DA PRAINHA, ONDE EMBARCARAM
OS ASSASSINOS COM «CARLUCCIO».

Desfilavam successivamente espalmado a mão sobre o *comptoir* pequenos garotos, copeiros e criados de quarto, larapios de todo o genero, bandidos de toda a especie. Ha tantas casas assim! O freguez honesto quando compra a joia não pede certificado da origem...

Carlo Fuoco analysava esse caminho da Fortuna, e aprendia a segui-lo, vendo na Lei, apenas, uma cousa ridicula, na Policia, apenas, uma cousa incommoda.

a passagem dos ladrões cevados na sua joa-llheria. E, se em tudo isso pensou, a previden-cia limitou-se a montar dormitorio lá, onde se quebram as aguas da poetica e formosa Icarahy. O sobrinho que tomasse conta da loja.

Está escripto: *Le cœur de l'homme est là où est son trésor*. Jacob amava muito Carlucio? collocou-o, pois, ao lado dos seus brilhantes e artefactos de ourivesaria.

O DR. CAETANO JUNIOR, E SEUS AUXILIARES

A ABERTURA DA «VALISE»



JACOB FUOCO AFFIRMANDO QUE ALI NÃO ESTÃO AS JOIAS TODAS.

O DELEGADO LENDO O DEPOIMENTO DE LEOPOLDINA

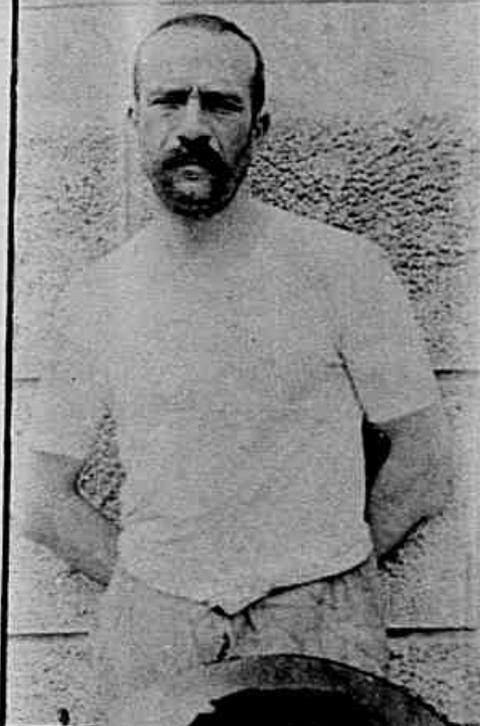
Para Jacob os negocios iam bem. Iriam bem.

Não se lembrava Jacob Fuoco que, não sendo elle o unico a comprar roubos, podiam as suas joias, tambem, ser apetecidas, e levadas sorateiramente a outro balcão onde se trocassem por moeda corrente. Não lhe occorreu que a mesma Policia que lhe permittia tantas transacções fructuosas podia deixar livre

Os ladrões que tantas massadas tiveram em sua vida para se apoderarem de brilhantes e artefactos de ourivesaria, aqui pulando muros, ali arrombando portas, lá assaltando embarcações, não quizeram expôr-se a perigos para entrar no Estabelecimento da Rua da Carioca. Carlucio tinha as chaves? Pois haveriam as chaves de Carlucio.

Quando?

ROCCA



PEGATE



INTERROGATORIO DE JOSÉ EPITACIO, AO REGRESSAR DE S. PAULO



CARLETTO



EPITACIO



LEOPOLDINA



ROCCA



MARIA DA GRAÇA



1, CASA DE BERRETTA—2, JOALHERIA FUOCO—3, CASA DE EUGENIO ROCCA—4, CASA DE PEGATTE—5, RESIDENCIA DE EPITACIO E CARLETO, NA CASA DE COMMODO DA RUA D. ANNA NERY N. 20—6, CARVOARIA DA RUA DO LIVRAMENTO N. 35—7, ESTAÇÃO DE SÃO FRANCISCO XAVIER, ONDE FOI PRESO ROCCA—8, QUARTO ONDE FORAM ENCONTRADAS AS JOIAS NA CARVOARIA DA RUA DO LIVRAMENTO

Num dia em que tio Jacob gozasse o infinitamente poetico arrebentar das vagas na praia de Icarahy.

Como?

Matando Carlucio, e escondendo-lhe o cadaver, afim de poderem evadir-se em quanto o procurassem.

Assim se fez.

Dois incidentes, porém, transtornaram esses lobregos planos: A necessidade de estrangular, um outro, o jovem Paulino, irmão de Carlucio, e o apparecimento do cadaver de Carlucio que elles haviam, até, despido para facilitar aos peixes a desfiguração do corpo e difficultar o reconhecimento, caso fluctuasse depois de longa immersão.

Esses dois incidentes foram a grande ventura policial. Sem elles teriamos mais um crime na lista dos crimes impunes.

E se mais se não descobriu, logo, foi porque a Policia não agio com as reservas indispensaveis. A quadrilha de scelerados começou na segunda-feira 15, á tarde, a ser minuciosamente informada de todas as conjecturas, todos os planos, todas as diligencias. Era somente comprar os jornaes, e ver qual a orientação: qual havia sido, qual ia ser o procedimento das autoridades.

Os criminosos entravam e saham dos antros, visitavam-se, discutiam, commentavam os erros do inquerito, e sublinhavam as toleimas do noticiario. A versão contraria á boa fama de Carlucio muito lhes agradou, e encheu-os de confiança no exito da sinistra operação. Quando Carlucio veio, com o rosto já meio devorado pelos peixes, desmentir as infamias que iam nodoando a sua memoria, foi como se um facho de luz irrompesse no meio dos bandidos; e elles trataram de debandar, jornal em punho, sem perder de vista uma só das resoluções policiaes.

Havia, até então, um laço, um bote, algumas informações positivas, e as negativas de Pegati e de Bereta: houve d'ahi por diante, apenas, mais uma poita e um pedaço de corda. A Policia atordoada, mas decidida a não parar. Tanto andou nesses dias que se esbarrou com Eugenio Roca, e fez soar, alviçareira, o carrilhão das grandes alegrias triumphaes.

Roca, um degenerado perante a Sociedade normal, mas absolutamente confiante na sua capacidade criminal, achou sua hora de fazer

espírito. Deliberou dar sorte, e deu. Principiou recommendando-se á execração do Universo, e empenhando-se sinceramente pela liberdade dos innocentes que o antecederam na prisão. A Policia estava-lhe tão agradecida por ter se deixado prender que dava gostosamente curso a toda a sua loquella.

Os demais quadrilheiros continuavam a comprar jornaes.

Entrou em scena um José Epitacio, ex-policial, ex-ordenança de Ministro de Estado; com elle vieram algumas mulatas, um carvoeiro, e parte das joias roubadas. O Crime irradiava, os cúmplices multiplicavam-se. A população adormecia cansada, e acordava exigindo tudo do noticiario. O noticiario era um enredo inextricavel. Succederam-se dois grande actos de effeito: a manifestação ao Delegado, e a procura de Carleto.

Rocca sempre magnifico, dominando a Policia do fundo da solitária. Querendo que todos o vissem, e o encarassem, a elle só, como um monstro, e não querendo que o incommodassem os olhares dardejantes da curiosidade; pedindo uma arma para se dar á morte, e tomando *pose* diante das objectivas photographicas; implorando piedade para os filhos, castigo para o seu crime, liberdade para os innocentes. Contava tudo, referia tudo, explicava tudo. Elle e o Carleto, só, só os dois eram os horrendos assassinos. As autoridades, gratas por elle se ter deixado prender, acreditavam em tudo. Durante dias Eugenio Rocca estava ao leme. E a Policia remando, esfalfando-se a remar na direcção da vontade d'elle.

Entretanto... sem saber quem remara, desde a ponte da Prainha, levando em ultima viagem para a eternidade o infeliz Carluccio, n'aquella tarde sinistra de 14 de Outubro!

O povo ancioso. Nunca nenhum crime, de que tenhamos memoria, empolgou assim a população do Rio de Janeiro, quasi diziamos a população do Brazil.

A pessoa de Carleto era procurada com phrenezi. Muita gente metteria o revolver no bolso para affrontal-o, se o encontrasse. Qual meteoro sinistro Carleto riscava o espaço tenebroso por toda a parte. De São Paulo, de Jacarepaguá, de Minas e de Maxambomba, da Tijuca e de Petropolis chegavam, em tropel, noticias do seu apparecimento. E ninguem lhe punha as mãos em cima!

Por ultimo, Carleto deita-se a dormir numa casinha da rua Barão de S. Felix, e a Policia foi chamada ás pressas por um serviçal mysterioso para ir accordal-o.

Caprichos do Accaso: As diligencias principiaram enfrentando o mysterio, e acabaram deixando a impressão de mysterio. O somno entregou os dois bandidos.

Carleto, agora, diante da Policia faz uma enorme salada com o que leu nos jornaes desde o dia 15.

Forrou-se de cynismo. Ha um odio occulto, um odio contra o Infortunio. Do trabalho não se arrepende, não tem entranhas para isso. O que o damna é o insuccesso. «Que porcaria!» ruge a féra. «Que porcaria!»

Todos lhe mettem nojo. «Poltrões! Vão dizendo tudo que sabem, e o que não sabem, até!

A Policia tem sido reprehendida pelo tremendo scelerado que parece querer resta-

belecer a ordem na Detenção: Não admitte perguntas fastidiosas, não se presta a photographias, não se sujeita a interrogatorios em publico. Sabe quaes são os seus direitos, e está prompto a defendel-os.

A mulata Leopoldina, amante de Carleto, contrariada em seu depoimento, teve uma exclamação que é um golpe de psychologia derubando o cynico: «Eu estou com a cabeça *virada*, mas você ainda faz mais confusão.»

Perfeito! O que o bandido quer é confundir, e a mulata não dá para ajudal-o.

A Policia, resolveu, por fim, tomar attitude grave. Reconhece que o que está feito é tumultuario. Deixou o joalheiro Fuoco a fazer o calculo do roubo, e metteu-se no cubiculo a interrogar Carleto.

Cuidado com a *gravata!*...

FERREIRA DA ROSA.



Os que veem...

DIZ-SE que só não veem os que são cegos, — ou os que não querem ver, que, como diz o rifão, são os peiores cegos do mundo.

Exceptuadas essas duas especies de cegos, — todos os homens veem, ou pensam que veem.

Porque a verdade é que, para ver, não basta possuir bons olhos e tel-os bem abertos. Ha muita gente que vê sem ver, — porque é incapaz de prestar atenção a qualquer cousa, e, depois de ter visto qualquer cousa, não consegue dizer o que viu. Conheço um sujeito que apanhou um premio na loteria e foi passar um anno na Europa, *para ver*. Esteve em Portugal, na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Belgica, na Suissa, na Allemanha, na Italia, correu todas as grandes cidades, visitou todos os museus, entrou em todos os theatros; e, quando voltou, como eu lhe perguntasse o que tinha visto, respondeu, um pouco vexado: «Homem! vi tanta cousa, que não me lembro de nada do que vi...»

E ha tambem muita gente que sabe ver, que gosta de ver, que vive de ver, e que afinal não vê nada.

Todas as grandes cidades teem os seus *mirones*, que *veem*, e não fazem outra cousa. Paris tem os seus *badauds*; Napoles, os seus *babacci*; Londres, os seus *cackneys*; Madrid, os seus *papanatas*; Lisboa, os seus *pasmados*... Estes ultimos já foram decantados por

Gomes Leal, num soneto celebre:

“Que officio ou arte teem? São timbaleiros?
Sacristães? ou palhaços? ou coveiros?
Teem um officio só: é ver quem passa!...”

Aqui, no Rio, temos os *basbaques* da rua do Ouvidor, que passam o dia inteiro amparando com as costas os portaes e as esquinas, — e *vendo*. Vendo o que? Vendo tudo: as mulheres, os homens, as nuvens, a poeira, o sol, a chuva, — noves fóra, nada.

Os mais interessantes são os «basbaques populares».

Basta que um sujeito páre no meio da rua, e comece a olhar fixamente a fachada de uma casa, ou um certo ponto do céu: chega logo outro sujeito e põe-se a mirar o mesmo ponto; d'ahi a dois minutos, os basbaques são vinte, são cincoenta, são cem; interrompe-se o transito, paralyza-se o trabalho, suspende-se a vida da rua. E toda a gente fica *vendo*. Vendo o que? Quem sabe lá?! cada um está vendo uma cousa, ou todos não estão vendo cousa alguma, — o que vem a dar no mesmo...

Desta curiosidade do povo, desta mania de ficar parado, embasbacado, es-

tarrecido, vendo, ou fingindo que vê, — é que os *camelots* de todas as grandes cidades tiram a sua subsistencia. O *basbaque* sustenta o *camelot*, o *camelot* explora o basbaque. Não haveria *camelot*, por mais esperto, que fosse capaz de viver e prosperar numa terra de cegos. Onde não ha quem veja, o *camelot* morre de fome.

A nossa Avenida Central já reproduz diariamente muitas destas scenas. Pára um sujeito no meio da Avenida, ou n'uma esquina, deposita no chão a cesta ou a



OS BASBAQUES

caixa em que traz as suas maravilhas, e, dahi a pouco, está cercado de uma multidão espessa: são homens, mulheres, crianças, velhos, carregadores, moleques, funcionarios publicos, caixeiros, advogados,



O CAMELOT E OS BASBAQUES

medicos, banqueiros, commendadores, vagabundos, — todas as classes sociaes. E toda esta multidão está *vendo* as preciosidades do *camelot* : os passarinhos-ocarinas, os palitos chinezes, os *gritos de sógra* , os sabonetes para tirar nodos, os sacarôlhas automaticos, os carimbos de borracha, os accendedores instantaneos, os botões que se pregam sem agulha nem linha, as canetas inexgotaveis, etc., etc. As horas correm, e todos os basbaques vão ficando alli: o medico abandona os seus doentes, o advogado esquece as partes, o caixeiro não se lembra do patrão, o empregado publico perde a ideia da Repartição. E quando algum desses *mirones* , depois de ter visto aquillo durante muito tempo, se decide a comprar uma das preciosidades, e reconhece que comprou uma cousa inutil e imprestavel, — nunca deixa de dizer, para se consolar: «Foi porque eu não *vi* bem! se tivesse *visto* bem, não teria comprado!...»

Estes são pagos para ver: o *policia* e o *guarda-civil* . O Estado farda-os, calça-os, alimenta-os, paga-os, e solta-os pelas ruas, — para que elles vejam. E ahi os tendes, com os olhos bem abertos, bem arregalados, bem espertos, *vendo...* Pois bem! a poucos passos d'alli, um gatuno está roubando um par de botas da porta de uma loja de calçado, um outro ratoneiro está mettendo a mão na algibeira de um basbaque, — e elles não veem nada disso. Porque? porque são cegos? De cegos é que elles nada teem. A razão é que tanto o *policia* como o *guarda-civil* só se veem a si mesmos: o primeiro só vê a sua importancia, o seu alto papel social, a sua nobre função publica, — a gravidade e a transcendencia de sua missão de assegurador da ordem publica; e o segundo só vê a sua elegancia, a sua belleza de funcio-

nario *chic* , de farda nova, de luvas, de polainas, de botas de polimento...

Ha tambem os que vão ver para serem vistos... Reparem na attenção com que certos frequentadores de theatro parecem estar fitando a scena. *Elle* tem na face as rugas da concentração:

quem o vê pensa que elle se está commovendo com os lances do drama, ou divertindo com a graça da comedia, ou deliciando com as har-



OS QUE SÃO PAGOS PARA VER...



OS QUE VÃO VER PARA SEREM VISTOS

monias da opera; — illusão! o que elle está é pensando nos seus negocios de amanhã: está alli para ser visto, para que todos vejam que a sua vida vae bem, e que não lhe custa nada pagar todo aquelle luxo: — o camarote carissimo, o vestido e as joias da mulher, a carruagem que os espera á porta do theatro... *Ella*, que está bem vestida e é formosa, pensa: «que figura estarei eu fazendo? que dirá deste adereço de saphiras a baroneza? como se estará ralando de inveja a Mariquinhas!...»

Ainda sem sahir do theatro, aqui temos uma outra especie de frequentador:

O *policia* e o *guarda-civil* são pagos para ver, e não veem. O seu *pendant* é o dorminhôco que paga... para não ver. Ahi está elle, dormindo e roncando, enquanto o galan da comedia suspira amores ao ouvido da ingenua, ou o tenor garganteia idyllios aos pés da pri-

ma-dona. E' um bom burguez, que jantou bem, e deliberou acabar a noite vendo um bello espectáculo. Pagou a sua entrada, entrou, sentou-se, e começou a querer ver. Mas, diante delle, estende-se uma espessa muralha de chapéos de senhoras, que enchem a plateia, — chapéos altissimos, enormes, formidaveis, como casas, como castellos, como torres. O desgraçado estica e deslôca o pescoço em todas as direcções; e, graças ao trabalho da digestão, resignando-se a não ver a peça, contenta-se com ver para dentro, e ferra no somno...

Em materia de espectaculos, ha ainda os *mirones do sereno*. Esses gostam dos espectaculos gratuitos, e contentam-se com ver o que não podem gosar. São os unicos que veem, — e são felizes porque se divertem com isso, muito mais do que os que pagam para ver, e não veem nada.

O «sereno» é uma instituição nossa, exclusivamente nossa, peculiarmente nossa e essencialmente cariôca. Não ha baile na cidade que não attráia o pessoal do «sereno». Se o baile é em casa terrea, ou assobradada, o «sereno» funciona junto das janellas, enche a calçada, olha e examina tudo, e não perde uma só das quadrilhas ou dos



O QUE PAGA PARA... NÃO VER

namoros que se travam lá dentro. Se o baile é em sobrado, o «sereno» funciona na calçada fronteira, com as cabeças levantadas, os narizes para o céu, — e vê menos, mas ainda assim sempre vê alguma cousa: e, quando não vê nada, satisfaz-se com imaginar o que poderia estar vendo, se não estivesse tão longe...

Jesus! o assumpto é rico, e daria ainda muito panno para mangas. O espaço é que é curto.

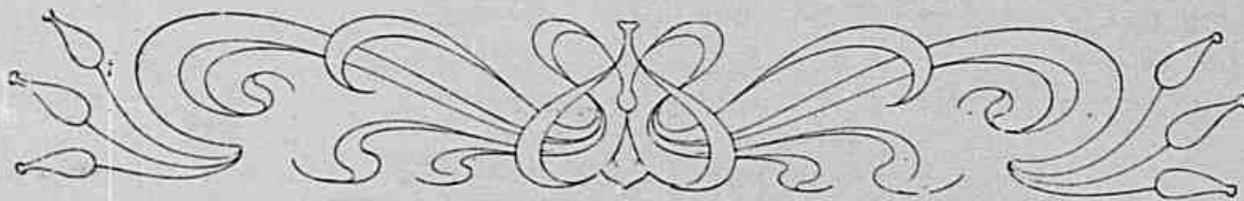


O «SERENO»

O que se quiz aqui foi provar que, para *ver*, não basta ter olhos e olhar.

Ha cegos que veem mais do que os que não são cegos. Bem disse Victor Hugo: «*quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume...*» E ainda é bom quando a gente, não sabendo ver com os olhos da cara, sabe ver com os olhos do espirito: porque ha muita gente que é tão cega de uns como de outros.

FANTASIO



RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernação em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KÓSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**A VEDDA DA
RUA DA ALFANDEGA. 24**

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTÍSTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24 RUA DA ALFANDEGA, 24

• • • • • RIO DE JANEIRO • • • • •